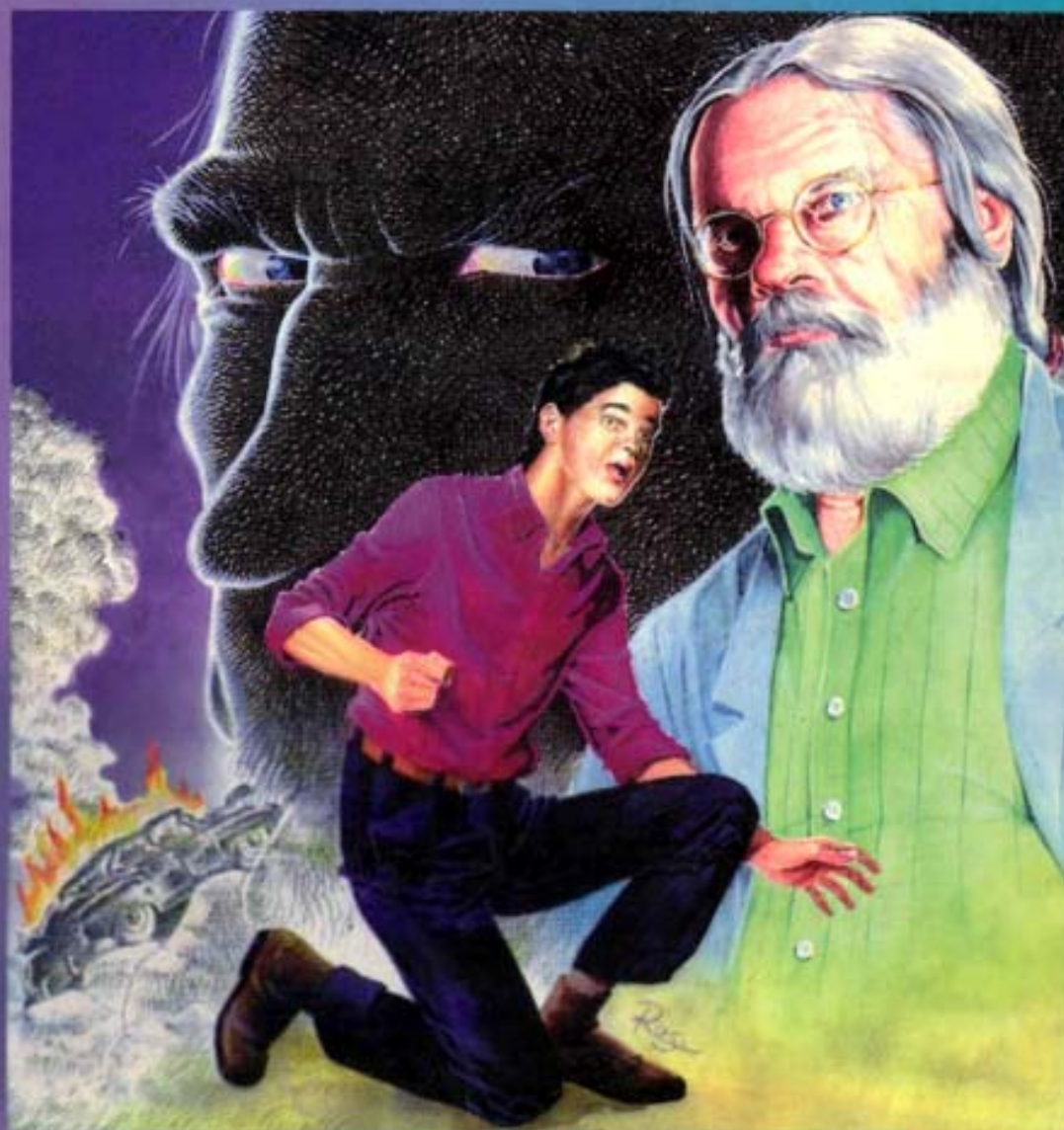


MARCOS BAGNO

A VINGANÇA DA COBRA



ea
editora atina

Marcos Bagno

A VINGANÇA DA COBRA

Série Vaga-Lume

Editora Ática, 1995

TEXTO

Editor:

Fernando Paixão

Editora Assistente:

Carmen Lucia Campos

Suplemento de trabalho:

Januária Cristina Alves

ARTE

Editor:

Isabel Carballo

Ilustrações:

Rogério Soud

Paginação eletrônica:

G & C Associados

Digitalização: SCS

Contracapa:

O velho Otto era o morador mais querido de Ocaporã e seus remédios naturais eram utilizados por quase todos da cidadezinha. Que interesse alguém poderia ter em prejudicá-lo? Seus remédios estariam mesmo envenenando pessoas, como estavam dizendo? Quem eram aqueles forasteiros que chegaram na cidade justamente quando a confusão começou?

Nino e Mariinha enfrentam situações perigosas e intrigantes para ajudar Otto a provar sua inocência nessa misteriosa história em que toda a atenção é necessária. Mas cuidado, pois o veneno da cobra pode estar em qualquer canto!...

Sumário

0. O nó do novelo	5
1. Placa de São Paulo.....	7
2. Manhã no laboratório	10
3. Visita ameaçadora	14
4. Insônia	20
5. Solidariedade no albergue.....	22
6. Ligação a cobrar.....	23
7. Rádio Ocaporã informa.....	25
8. A mudança de Otto	28
9. O beijo gostoso.....	30
10. Vasculhando o quarto.....	32
11. Todos da mesma família	34
12. A linguagem das flores	36
13. Planos para a noite	39
14. Descobertas de Nino	40
15. Nino fora, Geraldo dentro	41
16. Impaciência de Nino	45
17. Mariinha se arrisca	46
18. No túnel do tempo (I).....	48
19. Mariinha em apuros	51
20. Conversa de madrugada	55
21. Telefonema de Afonso	58
22. Perseguição ao falso inimigo	59
23. No túnel do tempo (II).....	61
24. O dilema de Geraldo	62
25. Coletando provas.....	65
26. Afonso chega	66
27. No túnel do tempo (III)	66
28. Impostores em Ocaporã	69
29. No túnel do tempo (IV).....	71
30. A melancolia de Otto.....	74
31. A confissão de Otto	75
32. A rendição de Otto	79
33. Gran finale	80
34. Festa em Ocaporã.....	81
35. Viagem à Alemanha	82
36. Despedida.....	84

O Veneno Da Cobra

Alguém tão sensível quanto o cientista Otto não poderia fazer mal a ninguém. Sua forma de ajudar o mundo era estudar a flora brasileira e extrair dela remédios naturais. Será que esses medicamentos produzidos com tanto cuidado e carinho poderiam mesmo estar envenenando as pessoas?

Em *A vingança da cobra*, Nino e Mariinha lutam para encorajar Otto e salvar seu trabalho. Durante a aventura enfrentam traição, armações, perigos, veneno, crime e muito suspense. Quem estaria por trás dessa trama?

Você também pode ajudar Nino e Mariinha a descobrir o que realmente está acontecendo. Siga com eles as pistas deste empolgante mistério. Mas leia o livro com cuidado, a cobra pode surpreender você.

Conhecendo Marcos Bagno



Depois de ter assistido a uma reportagem na TV sobre um velho cientista europeu que estudava plantas medicinais da Mata Atlântica, Marcos Bagno viu surgir um tema interessante para um livro. Em *A vingança da cobra*, ele usa de muita imaginação para contar a triste realidade das atividades de multinacionais farmacêuticas, que nem sempre respeitam os limites da ética e da honestidade.

O autor nasceu em Cataguases, Minas Gerais, morou em vários estados do país, e hoje vive em São Paulo. Bagno escreve contos, romances e poesias e já recebeu vários e importantes prêmios em todos esses gêneros literários. O que nem todos sabem é que um de seus hobbies é cozinhar: Marcos Bagno faz bolos e sobremesas de dar água na boca...

0. O nó do novelo

Em algum lugar do mundo, num ponto qualquer do tempo, dois homens estão se falando. Um é muito velho, tem olhos de um cinzento mortiço, é calvo e tem o rosto marcado por rugas profundas e numerosas. O outro, de muito menos idade, é louro, alto e tem olhos muito azuis.

O velho está sentado a uma mesa grande e escura. Diante dela, senta-se o jovem, num pequeno sofá.

O idoso, depois de examinar várias vezes os muitos papéis distribuídos sobre a mesa, tira os óculos e diz:

— Quer dizer que ele não morreu?

— Não, vovô — responde o mais jovem. — Mortos não movimentam contas bancárias na Suíça.

— Você conseguiu penetrar nos segredos bancários suíços? É difícil acreditar... — duvida o velho.

— Mas acredite. Afinal, o senhor me disse que não poupasse esforços nem dinheiro para descobrir o paradeiro dele.

— Muito bem... Agora, temos de descobrir para onde ele foi.

— Vê este mapa? — diz o neto, desdobrando uma folha de papel que tirou de uma pasta de couro preta. — Ele está aqui — e assinala com o dedo indicador um ponto mínimo no mapa.

O velho recoloca os óculos, força a vista, já muita fraca, e lê o nome escrito naquelas coordenadas. Um sorriso se esboça em sua face muito enrugada. Sorriso que logo se transforma em riso largo, em gargalhada rouca, em acesso de riso, em verdadeira crise histérica...

O neto se assusta. O velho começa a tossir. O outro tenta ajudá-lo, mas ele faz com a mão sinal de que permaneça sentado.

Levanta-se com dificuldade. Apoiado numa grossa bengala, dá uma volta pela sala. Depois, aproxima-se do outro e lhe diz:

— Você terá à sua disposição todo o meu dinheiro, está ouvindo? Todo o meu dinheiro para realizar finalmente a minha vingança... Quem diria... Tive de esperar você nascer, crescer e se tornar homem para poder me vingar...

O neto vai ouvindo com avidez. Tão ambicioso quanto o avô, prontificou-se a ajudá-lo a tramar sua vingança pessoal. Em troca,

recebeu a promessa de ser nomeado o único herdeiro de toda a fortuna acumulada pelo velho.

— Não se preocupe, vovô. O senhor terá sua vingança. E não vai demorar...



— Quer dizer que ele não morreu?

1. Placa de São Paulo

Num lugar pequeno feito Ocaporã, no interior de Minas Gerais, qualquer coisa diferente logo chama a atenção. Por isso é que Nino, antes de entrar no Albergue Casa Bonita, detém-se um momento depois de encostar a bicicleta junto ao meio-fio. Admira o carro reluzente e grande, estacionado diante do único hotel da cidade. É azul-escuro, tem quatro portas e vidros pretos que não deixam a gente ver o interior. Placa de São Paulo.

Nino procura algum nome e encontra, entre os dois faróis, no meio exato da frente do carro, a pequena chapa redonda com as três letras BMW. Muito bem. De quem será?

Nino entra na portaria. Vê dona Dalva ao balcão de madeira escura da recepção. Sorri para ela, que retribui o cumprimento e diz:

— Bom dia, Nino. Já chegou tão cedo?

— Já, dona Dalva. A senhora sabe que eu não gosto de atrasar nenhuma entrega. Além disso, tenho que passar em outros lugares ainda hoje.

Dona Dalva recebe do rapaz o pequeno pacote envolvido em papel pardo. Desembrulha-o: é uma caixa de papelão. Retira a tampa, confere o conteúdo. Depois, guarda-a sob o balcão. Em seguida, abre uma gaveta e pega algum dinheiro.

— Guarde o troco, Nino — diz ela, com voz simpática.

— Obrigado, dona Dalva — agradece ele. — E a Mariinha? Já está de pé?

— Já. Ela deve estar lá na cozinha terminando de tomar o café da manhã.

Dona Dalva responde e finge não perceber que Nino está esperando que ela diga mais alguma coisa.

Mariinha é a filha mais nova de dona Dalva. Ajuda a mãe no albergue, ocupando-se dos papéis, das contas e de outras providências. É da mesma idade de Nino. Os dois se gostam muito, e dona Dalva sabe disso.

— Por que você não vai lá dentro dar bom-dia a ela? — sugere a mãe de Mariinha, piscando um olho matreiro para Nino.

Nino sorri para a dona do albergue e aceita a sugestão. Cruza a grande sala de entrada do velho casarão, atravessa um corredor

comprido e escuro, com alguns cômodos fechados, e chega à porta da cozinha, que está aberta.

Mariinha, alertada pelo som dos passos no corredor, fica em posição de espera. Ao ver quem chega, um sorriso brejeiro se estampa em seu rosto redondo e salpicado de sardas cor de ferrugem.

— Ei — cumprimenta Nino, sentando-se na cadeira vazia perto da de Mariinha.

— Ei — retribui ela.

— Tem gente que a esta hora já está pelo mundo trabalhando — ironiza ele —, enquanto outros ficam tomando café a manhã toda...

Ela nem se abala:

— Pois é, mas tem gente que se levantou antes das seis, serviu o café da manhã a todos os hóspedes, tirou as mesas e varreu a sala de jantar...

Nino gosta da inteligência rápida de Mariinha, que tem sempre respostas prontas e precisas na ponta da língua.

— Quer um cafezinho? — oferece ela, apontando o bule enquanto morde uma torrada coberta de geléia.

— Não, obrigado. Mas aceito um pedacinho desse queijo-de-minas com um pouquinho de doce de leite.

Mariinha pega um prato de sobremesa, corta uma fatia do queijo muito branco e ao lado dele põe uma colherada generosa do doce de leite, que está numa bela compoteira de cristal azul.

— Pode comer à vontade — diz, colocando o prato à frente de Nino —, você sabe que essas coisas são proibidas para mim.

Mariinha preocupa-se com as formas. Afinal, não é muito alta e tem o corpo já bem "cheiinho", como ela mesma diz. Nino acha-a bonita assim mesmo, e para agradá-la vive repetindo que não gosta desse tipo de mulher que anda na moda, alta e magra como um varapau.

— De quem é aquele carrão aí na frente, Mariinha? Algum hóspede novo? — ele pergunta, saboreando devagar o doce.

— Hum, hum... — confirma Mariinha, com a boca cheia.

— E quem é?

Ela engole o que estava mastigando:

— Dois senhores muito alinhados, elegantes, bem-vestidos que precisa ver. Chegaram ontem pouco depois das duas da manhã. Tive de me levantar para atender eles. Você sabe que de madrugada a recepção fica fechada, e cada hóspede tem uma chave da porta da frente... Mas eles apertaram tanto a campainha que eu tive de ir ver... Nunca deixo que a minha mãe se levante à noite, coitadinha, já trabalha tanto... Por isso é que estou com essa cara linda de quem não dormiu direito... Acho que eles dois ainda devem estar dormindo.

Mariinha levanta-se e começa a colocar pratos sujos na máquina de lavar louça. Nino apressa-se em terminar de comer o doce para poder ajudá-la. Enquanto vai passando os pratos para ela, continua perguntando:

— E eles estão de passagem?

— Parece que não. Trouxeram foi muita bagagem, viu? Pelo jeito como já foram arrumando tudo nos armários do quarto, acho que vão demorar por aqui...

Mariinha fecha a máquina e a põe para funcionar. Nino quer saber ainda:

— E de onde é que eles vêm?

— Vêm de Brasília.

— De Brasília? — interessa-se o rapaz.

— Foi o que eu entendi. Não li ainda a ficha que eles preencheram, estava com muito sono e preguiça. Mas pelo que ouvi minha mãe comentar, parece que são do governo...

"Vai ver é mais uma das visitas para o padrinho", pensa Nino.

— E o Geraldo? Já começou a trabalhar lá com vocês? — pergunta Mariinha, mudando de assunto.

— Xi, o Geraldo! — lembra-se Nino, de repente. — Já ia me esquecendo! Tenho que voltar logo para o sítio porque o Geraldo já deve ter chegado lá e eu prometi ao padrinho que ia ajudar a ensinar o serviço para ele...

Mariinha acompanha Nino até a calçada. Despede-se dele, já montado na bicicleta, com dois beijinhos no rosto moreno do rapaz. Ele sorri, acena para ela e se vai, descendo pelos paralelepípedos da rua inclinada.

Mariinha fica acompanhando a bicicleta com o olhar até ela desaparecer na primeira esquina. Depois, tira do bolso uma presilha

de cabelo. Arruma os longos cachos vermelhos num rabo-de-cavalo e volta para dentro do albergue.

2. Manhã no laboratório

Quando Nino chega de volta ao Sítio Liberdade, onde mora, vê que a bicicleta de Geraldo já está encostada junto à porta do laboratório, que fica um pouco afastado da casa. Deixa a sua, vermelha, ao lado da dele, azul, e entra no laboratório.

Vê Geraldo e Otto conversando.

— Oi, gente, desculpe o atraso! — diz ele, sorrindo.

— Que bom que você chegou, Nino — diz Otto —, eu ia tentar *eksplícar* as coisas ao Geraldo, mas nem sabia por onde começar.

— Deixa comigo, padrinho. Eu já sei direitinho o que o Geraldo vai fazer...

Geraldo é um rapaz magro, de rosto ossudo e olhos grandes, pretos. É um ano mais velho que Nino, mas tem um jeito de menino que se esqueceu de crescer. O cabelo é curto e castanho-escuro, e a pele é muito branca. Fala baixo, é tímido, parecendo daquelas pessoas que detestam chamar a atenção sobre si mesmas.

— Oi, Geraldo! — cumprimenta Nino, simpático. — Vamos deixar o padrinho aqui, estudando. Eu quero que você me ajude a colocar os rótulos nos vidros. Vem cá comigo.

Geraldo, mudo, acompanha Nino até uma grande mesa branca no fundo do amplo laboratório. Está coberta de pequenos frascos de vidro marrom.

— Você vai me ajudar a colar os rótulos nesses frascos, tá? — começa Nino.

Geraldo balança a cabeça afirmativamente.

— Os rótulos já vêm prontos da gráfica. A gente só precisa escrever a mão o prazo de validade e colar no vidro. Fácil, né? Todo esse lote aqui é de "Saudades do Matão".

Geraldo sorri e fala com Nino pela primeira vez:

— Eu sempre gostei dos nomes dos remédios do seu Otto.

— Eu também. Ele sempre fez questão de fugir daqueles nomes de remédio que dão medo na gente.



— *Eu sempre gostei dos nomes dos remédios do seu Otto.*

— Meu avô também gostava muito — comenta Geraldo, já sentado num tamborete e anotando com letra caprichada o prazo de validade que Nino lhe mostrou escrito num rótulo-modelo.

Ocaporã é uma dessas centenas de cidadezinhas escondidas entre as montanhas de Minas Gerais. Mal aparece nos mapas. É muito antiga, tem um pequeno rio de água barrenta que a corta ao meio. O povo é tranqüilo, sem pressa para nada. Tinham razão os índios ao dar àquelas terras o nome de Ocaporã, "casa bonita". A região é bela, com morros altos, cobertos de mata muito verde.

Desse verde é que o doutor Otto Freimann colhe o material para seus milagres. Pois são verdadeiras maravilhas o que ele consegue fabricar com as folhas, flores, sementes e cascas das ervas e árvores da mata. Seus remédios naturais são produzidos artesanalmente no laboratório que construiu junto à casa do sítio, onde vive desde que chegou a Ocaporã.

— Já tem mais de trinta anos que o seu Otto veio da Alemanha para o Brasil, não é, Nino? — pergunta Geraldo.

— É — responde Nino. — Para você ter uma idéia, ele chegou aqui com quarenta anos e já está com setenta e quatro...

— Meu avô dizia que quando o seu Otto apareceu aqui, falando com muito sotaque, com o cabelo grande e despenteado, o pessoal de Ocaporã se assustou. Acho que pensaram que ele era algum cientista maluco... — conta Geraldo, sorrindo.

— Ninguém podia imaginar que depois ele ia virar a pessoa mais querida da cidade — comenta Nino, lançando um olhar para o velho padrinho, que, numa outra mesa mais afastada, toma notas num caderninho de coisas que vai lendo num livro enorme.

A magia de Otto Freimann, além da personalidade agradável, está na sua arte. Seu Otto é farmacêutico, como ele mesmo se apresenta. Mas não é um farmacêutico desses que a gente conhece. Não tem uma farmácia onde vende caixinhas de comprimidos e vidros de xarope. Seu Otto é um grande cientista, um pesquisador dos poderes medicinais da flora. É impressionante o tanto que sabe das plantas da mata mineira. Quando chegou, já sabia muito, e os anos de estudo e experimentação só fizeram aumentar aquele conhecimento.

Seus remédios naturais são todos saborosos, com cheiro de flor e gosto do mato. Aos poucos, as pessoas começaram a usar aquelas poções estranhas e foram conhecendo seus efeitos surpreendentes.

Quase ninguém mais em Ocaporã quer saber dos remédios caros, que às vezes têm de ser comprados fora, nas cidades maiores da região. Até os médicos receitam os preparados do seu Otto Boticário, e a única farmácia de Ocaporã praticamente só vende o que ele produz. Além de fazerem bem à saúde, os medicamentos têm nomes deliciosos: *Manhã de Sol*, *Luar de Abril*, *Meu Cheirinho*, *Lágrimas de Santo*, *Óleo do Amor*, *Saudades do Matão*, *Neblina Doce*, *Vovô me Ama*, *Sonhos de Sabiá*, entre outros tantos.

— De onde é que vêm essas pessoas que volta e meia aparecem aqui em Ocaporã atrás do seu Otto? — pergunta Geraldo.

— De tudo que é canto: gente de Belo Horizonte, do Rio, de São Paulo e de Brasília já andou por aqui — responde Nino. — Uns vêm fazer entrevista para os jornais. Outros querem gravar programa de televisão. Teve gente até que veio para aprender com ele a fazer os remédios.

— Que legal! — comenta Geraldo.

— Isso para não falar dos convites, né?

— Que convites?

— Ah, convite para tudo... — responde Nino. — Curso em universidade, palestra em escola, lançamento de livro, viagem com tudo pago. Mas ele nunca aceita nada!

— Por quê? — interessa-se Geraldo.

— Coisa de cientista, eu acho. Ele diz que não há nada no mundo capaz de fazer ele arredar o pé de Ocaporã.

— Que engraçado...

Quando as investidas da imprensa e dos curiosos começaram a se tornar demasiado insistentes, o doutor Otto decidiu não mais aceitar visitas de forasteiros, a não ser as que lhe parecessem realmente úteis para a divulgação de seu trabalho. Para justificar-se, alega estar muito velho e cansado e ocupado na publicação de um grande dicionário das plantas medicinais brasileiras, o que lhe toma muito tempo e exige muita pesquisa.

— Como foi que você aprendeu alemão, Nino? — pergunta Geraldo, já mais à vontade.

— Em casa. Foi meu padrinho que me ensinou. Você sabe que meu pai morreu quando eu tinha um ano, não é?

— Sei.

— Pois é. Meu pai trabalhava para o padrinho. Quando ele morreu, o padrinho me pegou para criar. Só falava comigo em alemão. Foi assim que aprendi. Até hoje, quando a gente está sozinho, os dois, a gente só conversa em alemão.

— Já eu tenho pai, mas sempre fui muito mais ligado ao meu avô Gabriel — explica Geraldo, passando o dedo sobre um rótulo para fixá-lo bem no vidro. — Desde pequeno, acompanhava ele na farmácia, ficava lá brincando com as caixas de remédio vazias. Depois, fui aprendendo a trabalhar com ele.

— Você deve estar sentindo muito a perda dele, não é? — arrisca Nino.

— Nem te conto... — responde Geraldo, com voz triste.

O velho Gabriel Raposo, dono da única farmácia de Ocaporã, a Drogaria Saúde & Paz, morreu há dois meses. Otto entristeceu-se muito: o dono da farmácia foi das primeiras pessoas a reconhecer a importância do trabalho do cientista alemão.

O pai de Geraldo, seu Duílio, que passou a cuidar dos negócios, foi quem pediu a Otto que deixasse o rapaz trabalhar no laboratório. Disse que seria uma boa maneira de Geraldo aprender a profissão e superar a tristeza causada pela perda do avô.

— Você vai ficar vindo só de manhã, não é, Geraldo? — certifica-se Nino.

— É. À tarde eu fico na farmácia, pelo menos até as aulas começarem de novo.

— Eu gostei muito da idéia de você vir para cá — diz Nino. — Assim, posso dividir o trabalho com você e fazer as entregas sem tanta pressa. Tem vezes que eu passo um dia inteiro montado na bicicleta, fazendo entrega em tudo quanto é lugar...

E assim vai passando a manhã.

3. Visita ameaçadora

Duas da tarde. Terminado o almoço, Otto se recolhe um pouco em seu quarto para um cochilo habitual. Sabe que deve poupar suas energias, por isso impôs a si mesmo este descanso diário antes de voltar ao trabalho à tarde.

Enquanto Otto dorme, Nino ajuda a mãe, dona Luzia, na cozinha. Ele enxuga as vasilhas e as guarda no armário.

— Queria ver o que meu pai ia dizer se visse você fazendo essas coisas — comenta ela.

— Uai, mãe, por quê?

— Porque... ah, você sabe... seu avô era um homem muito bom, trabalhador e tudo... mas tinha essas coisas de achar que tem serviço que só mulher pode fazer — explica dona Luzia.

— É mesmo? — surpreende-se Nino.

— É. Ele nunca punha os pés na cozinha. Lavar e enxugar a louça, então, meu Deus, nem sonhar...

Nino sorri e comenta:

— Já imaginou se ele me visse batendo aquele bolo de chocolate que eu aprendi a fazer?

Dona Luzia ri gostoso. Neste momento, ouve-se a buzina de um carro.

— Uai, quem será? — admira-se ela.

— Eu vou ver, mãe.

Nino vai até a sala e olha pela janela. Dois homens estão descendo de um carro preto. Nino os conhece. Um é o prefeito recém-eleito, Crisófilo Borges, jovem ambicioso que em poucos meses conseguiu chamar a atenção dos eleitores criando muita polêmica e fazendo denúncias estrondosas, mas nunca comprovadas, contra os tradicionais chefes políticos da cidade. É alto, atlético e muito vaidoso.

A outra visita é o doutor Plínio Raposo Gomes, médico que voltou para Ocaporã há pouco, depois de concluir seus estudos em Belo Horizonte, onde trabalhou por algum tempo. Já abriu consultório próprio na cidade. Assumiu a Secretaria de Saúde do município a convite do prefeito eleito, velho amigo seu.

Dona Luzia, que já veio também para a sala e viu quem chegou, diz ao filho:

— Esses dois decerto vão querer falar com o Otto. Eu vou abrir para eles. Acho melhor você ir lá dentro avisar seu padrinho.

Nino retira-se da sala. Bate à porta do quarto do padrinho. Entra.

— Padrinho, desculpe interromper. Tem gente aí querendo ver o senhor.

Otto levanta a cabeça, ajeita os óculos de fino metal dourado sobre o nariz.

— E quem é, você sabe?

— É o prefeito mais o doutor Plínio. Que será que eles querem?

Otto levanta-se, passa a mão pela vasta cabeleira branca, que um rabo-de-cavalo mal-amarrado não consegue dominar.

— Vamos ver...

E saem ambos do quarto. Otto ainda vai ao banheiro para passar água no rosto.

Quando chegam à sala, encontram os visitantes já sentados no sofá verde.

Otto, como sempre, sorri para seus visitantes. Eles, no entanto, não parecem nada simpáticos. Nem ao menos se levantam em respeito à chegada do dono da casa. Otto senta-se à cadeira de balanço em frente aos dois. Um deles, o prefeito, começa logo a falar:

— Antes de mais nada, seu Otto, eu gostaria de dizer que o assunto que nos traz aqui é estritamente confidencial e, portanto, nossa conversa tem de ser reservada.

Dona Luzia nem espera qualquer sinal e já se retira, muda, de volta à cozinha. Nino também se vai. Mas não pôde resistir à curiosidade, e fingindo sair pela porta da sala agacha-se debaixo da janela aberta que dá para a varanda. Fica ouvindo tudo. Não é hábito seu, mas aqueles homens têm um ar demasiado sério e antipático para o gosto dele.

Percebendo que na sala não há mais ninguém a não ser eles três, o prefeito retoma a palavra:

— Temos um assunto muito grave a resolver, doutor Otto. E não vamos fazer rodeios. O Ministério da Saúde comunicou à Prefeitura que tem recebido sucessivas denúncias contra os produtos que o senhor fabrica e comercializa aqui em Ocaporã.

— Denúncias? Que denúncias? — surpreende-se Otto (e Nino também, no seu esconderijo).

— Denúncias muito sérias — responde Borges. — Tenho aqui um relatório de casos de pessoas que, após ingerirem os seus medicamentos, tiveram gravíssimos problemas de saúde.

E o homem, abrindo a maleta de couro depositada ao chão junto a seus pés, retira dela um gordo maço de papéis presos dentro de uma pasta de cartolina azul e começa a ler:

— Duas crianças em Cataguases, um senhor de idade em Dorés do Indaiá, uma mulher grávida em Sete Lagoas, dois adolescentes em Nanuque, oito membros de uma só família em Cordisburgo e muitos mais...

Otto não consegue acreditar no que está ouvindo. Mas o homem prossegue:

— Todos esses lamentáveis casos foram investigados pelas autoridades sanitárias locais. O diagnóstico foi invariavelmente o mesmo: intoxicação. Por infeliz coincidência, todas as vítimas tinham acabado de tomar medicamentos produzidos no Sítio Liberdade, de Ocaporã. O senhor quer ver os laudos?

E Borges estende na direção de Otto aquele calhamaço de folhas impressas com o timbre do Ministério da Saúde. O velhinho pega-as com mão trêmula. Folheia tudo sem compreender muito bem o que está lendo. Devolve a pasta ao prefeito. Que continua:

— Sabemos que o senhor tem autorização da Secretaria Estadual de Saúde para produzir suas... ahn... drogas... e que as fórmulas foram analisadas e aprovadas por técnicos idôneos de laboratórios de ilibada reputação...

"Ele precisa falar tão complicado?", pensa Nino. "Que diabo será ilibada?"

— No entanto — prossegue Borges —, em face dos últimos acontecimentos, fomos obrigados a vir até aqui para agir sem demora e tomar algumas medidas drásticas. E a primeira delas já foi tomada. Solicitamos à Secretaria de Saúde estadual a cassação da licença de funcionamento do seu laboratório.

Otto empalidece e sente um aperto no peito:

— Cassar minha licença? Mas por quê?

— Por quê? — repete Borges em tom meio irônico. — Porque várias dessas pessoas estiveram à beira da morte, e algumas ainda se encontram em estado que inspira cuidados...

Agachado sob a janela, Nino duvida dos próprios ouvidos. "Será possível? Nossos remédios matando gente? Mas já são fabricados há tanto tempo! Como é que de uma hora para outra começaram a fazer mal?"

Otto ainda tenta argumentar:



Otto não consegue acreditar no que está ouvindo.

— Meus remédios têm sido receitados até pelos médicos daqui de Ocaporã.

— Mas não por *todos* os médicos daqui — comenta, tranqüilo, o doutor Plínio. — Aliás, eu mesmo já solicitei ao Conselho Regional de Medicina uma investigação acerca da atividade profissional destes senhores, que não me parece muito ética.

"O quê?! O doutor Cordeiro e o doutor Peixoto? Que absurdo! São médicos há mais de trinta anos!", nova surpresa de Nino.

Enquanto isso, na sala, Crisófilo Borges, indiferente ao estado de choque do velhinho, prepara-se para lançar um novo ataque:

— O senhor ainda se lembra dos motivos que o fizeram vir para o Brasil?

Otto se assusta e começa a sentir-se muito mal. Fica pálido e respira com dificuldade. Nino está curioso: "O que será que este homem sabe da vida do padrinho antes de ele sair da Alemanha? Eu mesmo quase não sei nada".

O homem, no entanto, não pára de falar:

— Como o senhor mesmo pode concluir — diz Borges —, a sua situação é bastante delicada...

— Por isso — é a vez do doutor Plínio —, viemos pessoalmente à sua casa antes que alguma autoridade de Brasília apareça na cidade.

— Exatamente — confirma o prefeito. Viemos para lhe fazer uma... digamos assim... proposta...

— Proposta? Que proposta? — pergunta Otto com dificuldade.

Borges sorri:

— Muito simples. O senhor cessa imediatamente de fabricar seus remédios e desmonta seu laboratório, sob a nossa supervisão.

O doutor Plínio complementa:

— Digamos que o senhor vai se... aposentar... Se fizer isso, conseguiremos impedir que o senhor seja extraditado de volta a seu país.

"Extraditado?", assusta-se Nino, que sabe o que significa a palavra.

Sem saber de onde lhe vêm as forças para falar, Otto pergunta:

— E se eu *non* aceitar? E se quiser me defender?

— Se o senhor não aceitar — responde o doutor Plínio — seremos obrigados a denunciá-lo ao Ministério das Relações Exteriores, em Brasília. Certamente, a primeira providência que tomarão será mandar o senhor de volta para a Alemanha.

E o prefeito completa:

— Isso para não mencionar o problema dos seus remédios, que pode lhe causar uma dor de cabeça sem fim...

O médico avalia:

— Como vê, seu Otto, a nossa proposta é até uma espécie de prêmio...

Otto sente-se derrotado. Não ousa pensar, falar, sentir nada. Seus visitantes levantam-se, absolutamente tranquilos, dando a entender que já se vão.

Nino percebe o movimento. Sai de onde está e oculta-se por trás da parede que forma o lado direito da casa.

Borges ainda diz:

— Sabemos que é uma decisão muito difícil. Por isso não temos muita pressa. Estamos esperando uma comissão de técnicos do Ministério da Saúde que chegam em Ocaporã daqui a alguns dias. É o seu prazo para refletir. Temos certeza, porém, de que o senhor saberá tomar a decisão mais acertada e conveniente para o bem-estar de todos...

— Bom dia e passar bem — conclui o doutor Plínio, retirando-se atrás do prefeito.

Nino segue-os com o olhar e os vê entrar no grande carro preto. Depois, corre para ajudar o padrinho.

4. Insônia

À noite, em seu quarto, sem conseguir fechar os olhos para dormir e com a cabeça sacudida por uma tempestade de pensamentos confusos, Nino não sabe o que fazer com toda a revolta que está sentindo. Como pode haver no mundo gente tão cruel?

Otto, atingido no que lhe é mais caro na vida, teve uma crise de choro incontável. Foi preciso dar-lhe um chá e ampará-lo até a cama. Nino temeu que o velhinho não resistisse a tamanha dor. Dona Luzia, ao inteirar-se do ocorrido, também sofreu. No entanto,

mulher forte, manteve-se firme, pois sabia que sua ajuda naquele momento seria mais do que necessária.

Nino passou o resto do dia atordoado, sem saber o que fazer. Alguma coisa tinha de ser feita, mas o quê?

Agora, deitado, sua memória lhe trazia de volta pedaços daquela terrível conversa. "Intoxicação"... "Desmontar o laboratório"... "Extraditado"... "Processos legais que podem levar inclusive à sua prisão"...

"Por isso viemos pessoalmente lhe fazer uma proposta"...

"Antes que alguma autoridade de Brasília apareça"...

"Alguém de Brasília"...

"Vêm de Brasília... Parece que são do governo"... A voz de Mariinha ecoa.

"Brasília"... Brasília?

De repente, a imagem do grande carro azul importado estacionado diante do albergue aparece na memória de Nino. Mariinha disse que os hóspedes vinham de Brasília. "Se vieram de Brasília, por que o carro tem placa de São Paulo?" O prefeito disse que só vinha gente de Brasília daqui a alguns dias. Então, quem são aqueles dois no albergue? Deve haver alguma coisa estranha nisso, tem que haver!

Valeria a pena agarrar-se a um pedaço de tábua tão pequeno e frágil no meio daquele maremoto?

Lembrou-se, então, de um nome: Afonso. É claro! Afonso pode ajudar!

Afonso é o doutor Afonso Monteiro, nascido e criado em Ocaporã, filho de uma das famílias mais tradicionais da cidade. Formado em Direito, em Belo Horizonte, vive hoje em Brasília, onde é alto funcionário do Congresso Nacional. Grande amigo de Otto, que o conhece desde menino, Afonso vem freqüentemente a Ocaporã e nunca deixa de visitar o Sítio Liberdade. Fã dos remédios do velhinho, é ele quem cuida de toda a papelada burocrática do laboratório.

Apesar dos vinte anos de diferença que existem entre eles, Nino trata Afonso sem qualquer cerimônia, como se fosse um irmão mais velho. Afinal, era Afonso quem, a pedido de Otto, levava Nino, ainda criança, para passear de bote pelo rio, para empinar papagaio e caçar rã de noite no brejo. E quando todos na cidade passaram a dirigir-se ao advogado com respeito e deferência, chamando-o

"doutor" e "senhor", nem por isso Nino deixou de tratar Afonso com a natural intimidade que a convivência criara entre eles.

"O Afonso me disse, faz pouco tempo, que a situação legal do padrinho no Brasil estava tranqüila", lembra-se Nino. "Amanhã mesmo vou lá no albergue e telefono para ele!"

5. Solidariedade no albergue

Nino precisa ir telefonar no albergue porque no Sítio Liberdade não existe telefone. Otto sempre se recusou a ter a paz de sua casa e de seu trabalho interrompida pelo ruído estridente do antipático aparelho. "Quem quiser falar com a gente, que escreva ou venha pessoalmente", costuma dizer o velhinho. "É muito mais educado do que encher os nossos ouvidos com aquele cacarejo horrível!"

Nino chega ao hotelzinho perto das nove horas. Ao vê-lo, dona Dalva percebe o ar preocupado do rapaz. Quer logo saber:

— Que cara de noite maldormida, cruces! O que é que houve?

Nino então resume para ela tudo o que se passou ontem no sítio. É a vez de dona Dalva indignar-se:

— Não é possível! Meu Deus, que horror! Não dá para acreditar numa coisa dessas! Tanta miséria por aí, tanto crime, tanta violência, tanta ladroagem e inventam de vir infernizar a vida de um santo homem, escondido no meio do mato, nesse fim de mundo que é Ocaporã... Um homem incapaz de fazer mal a uma pulga, minha Nossa Senhora! Que coisa!

O tom exaltado da fala de dona Dalva chama a atenção de Mariinha, no escritório que se abre por trás do velho balcão de madeira. Ela se levanta da mesa onde anotava alguma coisa e vai inteirar-se do que há. Mal a vê surgir à porta, a mãe lhe conta, de maneira confusa e atabalhoada, a razão de suas exclamações tão veementes.

Mariinha custa a crer, mas Nino vai confirmando tudo com gestos de cabeça, expressões do rosto e dos olhos. A menina também se revolta:

— Eu nunca fui mesmo com a cara desse tal prefeitozinho de araque, metido a galã de novela! E o doutor Plínio, hem? Que boa bisca não saiu?

— Você acha que esses hóspedes novos têm alguma coisa a ver com isso, Nino? — pergunta dona Dalva.

— Não sei, dona Dalva. É isso que eu vim aqui tentar descobrir.

Dona Dalva se exalta:

— Porque se tiverem, eu vou já, já pedir satisfações!

— Isso mesmo, mãe! A gente acaba com aquela pose deles!

Nino fica comovido com a solidariedade das duas. Mas tenta acalmá-las:

— Gente, vamos deixar tudo como está por enquanto, sim?

Elas se entreolham surpresas. Nino explica:

— Eu estou com umas idéias para ajudar o padrinho, e para isso preciso de vocês duas... Podem ajudar?

— Claro que podemos! — responde Mariinha.

Nino lhes fala então da sua idéia de telefonar para Afonso, contar o que houve e pedir sua ajuda. Mariinha pega o rapaz pela mão e, puxando-o delicadamente na direção do escritório, diz:

— Telefonar? Só se for pra já!

6. Ligação a cobrar

Nino aguarda alguns instantes até que a ligação a cobrar se complete. Então se identifica:

— Aqui é Nino, de Ocaporã.

Afonso sempre disse a Nino que quando precisassem dele, telefonassem a cobrar para o escritório em Brasília. Assim, a ligação interurbana, normalmente cara, não cai na conta de dona Dalva.

— Nino? Como vai? Tudo bem? — responde uma voz feminina e agradável do outro lado.

— Nem tão bem assim, dona Clara.

— Você quer falar com o doutor Afonso, não é?

— É. Ele está?

— Está sim. Espere um minutinho que vou chamá-lo, tá?

— Alô! Nino? O que é que há rapaz? A Clara me disse que você está com uma voz preocupada...

— Pois é, Afonso. Tem umas coisas meio esquisitas acontecendo aqui em Ocaporã...

— Esquisitas? Esquisitas como?

Nino relata a Afonso o ocorrido. Surpreende-se com a gargalhada do amigo advogado:

— Isso só pode ser brincadeira, Nino! De mau gosto, concordo, mas só pode ser brincadeira... Afinal, eu cuidei pessoalmente da regularização do Otto no Brasil e tenho toda a documentação que prova que ele está legalíssimo, tanto aqui como na Alemanha.

— Disso eu já sabia, Afonso — esclarece Nino —, mas e o resto? E as tais denúncias de envenenamento? Não vejo a menor graça nisso, se for mesmo uma brincadeira... Além do mais, o prefeito e o doutor Plínio não tinham cara de quem está querendo se divertir, muito pelo contrário...

— Seja como for, a gente tem que começar a tomar algumas providências.

— Também acho — concorda Nino.

— O que estou estranhando nisso tudo é a rapidez.

— Rapidez de quê?

— Ora, Nino, de tudo. Neste país os processos resultantes de denúncias demoram anos inteiros, às vezes décadas e décadas para se resolverem, e isso quando são resolvidos... Eu bem queria entender a pressa desses burocratas nessa história... Além disso, para que destacar gente de nível federal para se ocupar desse caso? A Secretaria Estadual de Saúde podia perfeitamente cuidar de tudo. E se o problema fosse mesmo de extradição, bastava chamar a Polícia Federal, que existe em todos os Estados...

Nino explica, então, com detalhes, a proposta de "aposentadoria" feita pelo prefeito e pelo secretário de Saúde.

— Mas isso não é proposta! É chantagem! — grita Afonso. Depois, recuperando a calma: — Muito estranho... Bem, vamos ver. Como é mesmo o nome da dupla de Brasília?

— Carlos Henrique Lobato, do Ministério da Saúde. Eduardo Pereira Lima, do Itamaraty. Pelo menos foi assim que se identificaram na ficha do albergue da dona Dalva.

— Já anotei. Eu vou dar uma checada aqui em Brasília e vejo o que consigo descobrir desse caso. Depois entro em contato com você. Se aparecer alguma novidade, ligue para mim, a qualquer hora

do dia ou da noite, aqui no escritório ou lá em casa. Tem certeza de que me contou tudo o que interessa?

Somente então é que Nino se lembra de sua principal suspeita:

— Não, Afonso, quase que me esqueço. Eles estão aqui em Ocaporã num carro importado, um BMW, com placa de São Paulo.

— É mesmo, Nino?

— É. Não parece estranho?

— Bastante.

Nino fica orgulhoso de ter dado uma pista importante. Mas Afonso logo esfria seus ânimos de detetive:

— Mas não é muita coisa em que a gente possa se basear... De todo jeito, você anotou a placa?

— Anotei. Por coincidência é justamente BMW 3333, São Paulo.

— Coincidência nada, Nino. Esse povo que compra carro importado adora se exhibir. Virou moda agora essa história de placa com iniciais do dono, com letras e números cabalísticos, com data de aniversário do cachorro e não sei que mais. Aqui em Brasília, então, que é o paraíso dos novos-ricos, a coisa tem chegado ao ridículo. Outro dia eu vi um carro... nem sei qual era a marca... mas a placa era assim: MEU 0001. Não é de dar pena?

7. Rádio Ocaporã informa

A visita dos dois homens ao Sítio Liberdade se deu numa segunda-feira. Na terça, Nino telefonou para Afonso. Hoje, quarta de manhã, quem ligou o rádio e sintonizou a Ocaporã FM pôde ouvir o seguinte programa:

— Bom dia, queridos ouvintes da Rádio Ocaporã FM, a emissora da casa bonita. Entra no ar mais uma edição do seu Jornal Matinal, sob o comando de Sílvio Gallo. E vamos logo começar com uma notícia que vai chamar a atenção de todos os nossos ouvintes. Ontem, às duas e quarenta da tarde, duas pessoas foram atendidas no Pronto-Socorro de Ocaporã, vítimas de uma grave intoxicação. Dona Eglantine da Mata, dona-de-casa, 51 anos, e seu filho, Hércules da Mata, 19, chegaram ao Posto de Saúde da Praça da Matriz, no centro da cidade, queixando-se de terríveis dores de cabeça e de estômago. Foram atendidos pelo médico de plantão, doutor João das

Neves. Depois de tratar dos dois pacientes, o doutor Neves conseguiu identificar a causa da intoxicação. Dona Eglantine e seu filho tinham tomado algumas doses do medicamento *Canto do Bem-te-vi*, produzido no Sítio Liberdade, pelo célebre doutor Otto Freimann, que todos nós conhecemos por Otto Boticário. O medicamento, receitado pelo doutor Joaquim Cordeiro, tem fama de curar azia estomacal, que era o que estavam sentindo as duas vítimas. Para esclarecer o assunto, trouxemos aos nossos estúdios o doutor Plínio Gomes, médico e secretário de Saúde do município, que vai falar agora para os nossos queridos ouvintes. Bom dia, doutor Plínio!

— Bom dia, Sílvio.

— Então é verdade que o remédio do seu Otto Boticário foi o que causou o mal-estar daquelas duas pessoas?

— Exatamente, Sílvio. Nem foi preciso fazer exames mais profundos de laboratório. Bastaram algumas análises do resto do medicamento que ainda havia no frasco para constatar que ele não estava bom...

— Que coisa, doutor Plínio! E que sorte daquela senhora e do filho terem encontrado o médico no Posto de Saúde... É a primeira vez que ouvimos falar mal de um produto do seu Otto Boticário...

— Sinto muito contradizer você, Sílvio, mas a coisa não é bem assim. Pode ter sido a primeira vez aqui em Ocaporã...

— Por quê, doutor? O senhor sabe de outros casos parecidos?

— Muitos e muitos outros casos, Sílvio. Dezenas de pessoas em muitas outras cidades de Minas. E casos não só parecidos, mas até muito mais graves do que este. Aliás, é exatamente por causa desses acontecimentos que eu estou enviando ao Ministério da Saúde um ofício para que sejam tomadas as providências cabíveis em situações desse tipo.

— E que providências são essas, doutor Plínio?

— Para começar, Sílvio, por causa do grande número de pessoas vitimadas, fomos obrigados a pedir a cassação da licença da Secretaria Estadual de Saúde que permitia o funcionamento do laboratório do doutor Otto Freimann. Agora estamos divulgando material informativo para que as pessoas evitem consumir o resto do estoque que ainda está em circulação...

— Que coisa surpreendente, caros ouvintes! Doutor Plínio, pode-se dizer que seu Otto é um criminoso?



— *Mas e o caso dos remédios com problema? Não é crime?*

— É uma palavra muito forte, Sílvia.

— Mas e o caso dos remédios com problema? Não é crime?

— Ainda não temos todas as informações necessárias para afirmar isso. Mas tudo leva a crer que existe alguma coisa suspeita por trás dessa história...

— Muito obrigado, doutor Plínio, pela sua presença aqui nos nossos estúdios.

— Eu é que agradeço, Sílvia, a oportunidade de alertar a população de Ocaporã e de todo o Estado contra os males que podem ser causados pelos remédios do doutor Otto Freimann.

— Aí está, queridos ouvintes, a grande revelação do dia. Seu Otto Boticário, que muitos consideravam até uma espécie de santo milagreiro, está agora sob suspeita do Ministério da Saúde. Não percam, a qualquer hora do dia ou da noite, o desenrolar deste caso. A Rádio Ocaporã FM estará de plantão para dar aos seus fiéis ouvintes todos os esclarecimentos deste caso. Ouçam agora a mensagem do nosso patrocinador, a Drogaria Saúde & Paz...

8. A mudança de Otto

A notícia do rádio teve dois efeitos, ambos perversos.

Primeiro, dividiu a opinião pública de Ocaporã em dois partidos. Estava aberta a polêmica e em todo canto da cidade só se falava nisso.

— Meu Deus, e pensar que eu ainda tenho tanto remédio dele lá em casa! Vou jogar tudo no lixo!

— Não se precipite, dona Ritinha! A gente não pode acreditar tão depressa em tudo o que ouve no rádio!

— Pois eu acredito, seu Júlio, se até a Prefeitura está avisando a gente para não consumir mais os remédios do alemão... O que o senhor acha, padre Maurício?

— Acho que temos de dar tempo ao tempo e esperar para saber o que está realmente acontecendo. Na verdade, duvido muito que a culpa seja do Otto, que sempre foi homem tão bom...

— Sim, mas o senhor já ouviu falar da história do lobo em pele de cordeiro?

— Claro que sim, minha filha, está na Bíblia, e ninguém lê mais a Bíblia do que eu nesta cidade...

— Antes de começar a aula de hoje, eu queria dar um aviso a vocês. Parece que está havendo problemas com os remédios do seu Otto Boticário. Por isso, a gente deve evitar consumi-los.

— Mas, dona Glória, foi a senhora mesmo que falou outro dia sobre a importância da medicina natural e alternativa contra o poder dos laboratórios internacionais...

— Sim, Ana Maria, mas agora o caso é diferente. Há denúncias de gente muito doente em outras cidades.

— Ai que medo, meu Deus! Eu tenho asma e minha mãe me trata há anos com os remédios do velho, será que eu vou morrer?

— Deixa de ser coió, Jesuína, não vê que isso tudo é intriga da oposição?

— Que oposição, Tadeu?

— Uai, sei lá, professora, mas não é assim que se costuma dizer?

...

— Seu Duílio, é verdade que a farmácia está aceitando de volta os remédios do seu Otto e trocando por outros?

— É sim, dona Lourdes. Não queremos que nada de mal aconteça aos nossos fregueses.

— Ainda bem... E muita gente está vindo aqui trocar?

— Muita gente.

— E quem são aqueles ali na praça, segurando cartazes e fazendo tanto barulho?

— São uns irresponsáveis, seu Miranda. Acham que o Sílvio Gallo está sendo sensacionalista e resolveram fazer um protesto em frente ao prédio da rádio!

— Que horror, não? Daqui a pouco Ocaporã vai estar que nem as cidades grandes, cheia de arruaceiros e desocupados reclamando de tudo...

— Em vez de arrumar o que fazer...

— Ei, dona Lina, venha ver quem está lá no meio do protesto!

— Gente, é a Cidinha! Eu vou lá agora mesmo dar um bom puxão de orelha naquela menina espevitada...

O segundo efeito perverso daquela transmissão radiofônica foi que começaram a aparecer em Ocaporã jornalistas e repórteres de rádio à cata de notícias sobre o que estava acontecendo.

Logo que o primeiro deles entrou no albergue pedindo hospedagem — um radialista conhecido, vindo de uma cidade maior a poucos quilômetros de Ocaporã —, dona Dalva previu que a vida de Otto, já tão abalado por tudo, corria o risco de se transformar num verdadeiro inferno.

Por isso, tramou com Nino, dona Luzia e Mariinha um plano para "esconder o velho", como ela disse. Ninguém mais, senão eles, poderia saber daquela tática. Mas escondê-lo onde?

— Muito fácil — respondeu dona Dalva —, vamos levar o seu Otto para a nossa casa do sítio. Está fechada faz tempo, desde que o Humberto e a Valéria foram estudar em Belo Horizonte. Se a dona Luzia for também, tenho certeza que ela dá conta de cuidar da casa e do seu Otto.

Aprovou-se a idéia. Assim, na noite da quinta-feira, sem que ninguém os visse, dona Dalva, dirigindo seu velho carrinho preto, foi até o Sítio Liberdade, pegou Otto e algumas coisas dele, e o deixou com dona Luzia, na casa do Sítio Estrela Dalva, mais afastado da cidade que o do velho farmacêutico.

A vantagem é que ali havia telefone, que a mãe de Nino poderia usar a qualquer momento para dar notícias de Otto ou pedir ajuda, caso fosse necessária.

Nino, para poder estar atento a tudo o que ocorresse na cidade, alojou-se, também por sugestão de dona Dalva, num pequeno quarto vago que há no térreo do albergue, no final do corredor, bem longe da entrada.

Nino gostou de poder ficar mais perto dos dois forasteiros, para vigiá-los melhor. Gostou mais ainda de estar também próximo de Mariinha, vê-la a qualquer momento, conversar com ela.

9. O beijo gostoso

E é justamente conversando que os dois estão agora. É sexta-feira, são onze da manhã, e o casal está no escritório do albergue.

— Quer dizer que os dois caras saíram? — pergunta Nino.

— Saíram — confirma Mariinha —, faz uns cinco minutos. De carro. Receberam de manhã cedo um telefonema. Quando saíram, disseram que não iam almoçar aqui hoje. Ainda bem... Pelo menos assim, não corro a tentação de pôr veneno na comida deles...

Mariinha diz isso em tom furioso. Nino sorri.

— Eu adoro você assim, esquentada, quase pegando fogo.

Ela sorri:

— É o mal das ruivas, nunca ouviu dizer? Ou você acha que a gente tem o cabelo vermelho assim à toa?

— A sua mãe tem o cabelo preto... Por que é que você saiu assim, ruiva?

— Por causa do meu pai. Lembra que ele também tem o cabelo vermelho?

— Não. Eu não me lembro muito bem dele — justifica-se Nino.

— Também, faz tanto tempo que ele não aparece — queixa-se Mariinha. — Depois que eles se separaram, quando eu tinha cinco anos, acho que ele só veio aqui umas duas ou três vezes. E agora que o Humberto e a Valéria se mudaram para Belo Horizonte para morar com ele e estudar, aí é que ele não tem mais por que vir aqui.

— Mas você vive indo lá em Belo Horizonte.

— É. Passo quase todas as férias por lá. Mas este ano não fui. Preferi ficar aqui mesmo em Ocaporã.

De repente, o rapaz tem uma idéia:

— E se eu revistasse o quarto deles?

— O quê? — diz Mariinha, tomada de surpresa.

— Revistar o quarto deles!

— Deles quem?

— Dos dois sujeitos do Ministério, uai. Entro lá, dou uma olhada em tudo, vejo se acho alguma coisa que possa ajudar o Afonso nas investigações dele lá em Brasília! Que é que você acha?

— Acho uma loucura, sô! Um absurdo!

— Não é loucura maior, nem mais absurdo do que pôr veneno na comida deles!

Mariinha sorri.

— Se minha mãe souber, ela mata a gente...

— Mata nada...

— Mata sim, eu conheço bem a fera.

Nino aproxima seu rosto moreno do de Mariinha.

— Mas é por uma boa causa, uai.

Mariinha sente a respiração de Nino queimar-lhe as faces. Ela fica desconcertada.

— E se eu te der um beijo, você deixa? — pergunta ele com voz sedutora.

Ela respira com dificuldade, mas consegue dizer:

— Eu já ia deixar de todo jeito, seu bobo, mas se for com beijo é mais gostoso.

E os dois se beijam longa e deliciosamente.

Mariinha quase tem que se pendurar no pescoço de Nino, que é bem mais alto que ela. Gosta de sentir o corpo forte do rapaz.

10. Vasculhando o quarto

De posse da cópia da chave do quarto de Lima e Lobato, no terceiro e último andar do velho casarão colonial adaptado para servir de albergue, Nino entra e começa sua investigação.

O beijo que deu em Mariinha multiplicou-se em outros tantos, e os dois perderam bem uma hora naquela coisa boa. Por isso, tem que se apressar, pois a qualquer momento, terminado o horário normal de almoço, o risco é grande de voltarem os hóspedes.

Entra. Vê que não há mesmo ninguém. O cômodo está muito bem arrumado. Nino tenta abrir as portas do grande armário de madeira escura. Todas trancadas, e as chaves não estão no quarto. "Muito espertos, hem?", pensa Nino.

Não há nada por ali que possa servir de pista. As gavetas da cômoda estão vazias. "Puxa, que azar!", lamenta ele.

Até que sobre a pequena mesa redonda, colocada perto da janela, Nino vê três livros de capa alaranjada de papelão. Pega um deles.

"Que coisa, está tudo em alemão e inglês", descobre ele, folheando as brochuras, cheias de mapas, gráficos e tabelas. "Nossa, cada palavrão complicado! O que será *Naturheilverfahren*?"

Na capa de cada um dos livros, um nome aparece bem grande, impresso em letras pretas e gordas: SCHLANGE.



De posse da cópia da chave, Nino entra e começa sua investigação.

Pelo que Nino consegue entender, é o nome de uma indústria farmacêutica alemã, e aqueles livros são relatórios das atividades dela em vários países do mundo.

Ele se distrai um pouco tentando ler algumas páginas do capítulo dedicado ao Brasil quando o telefone toca. Nino se assusta. Foi o sinal combinado com Mariinha. Quando as *víboras* chegassem (é Mariinha que os batizou assim), ela faria soar o telefone do quarto para avisar o amigo.

Nino ajeita os livros sobre a mesa e corre para fora do quarto. Tranca-o com a chave. Desce pela escada e oculta-se, no segundo andar, por trás de um grande móvel que existe no corredor. Dali vê os dois homens subindo a velha escada de madeira rumo ao terceiro andar. "Ufa, na hora". Desce em seguida.

11. Todos da mesma família

Ao ver o agora mais que simples amigo, Mariinha suspira, aliviada.

— Cruzes, que susto! Quando vi o carro parando aqui na porta, tratei logo de telefonar para o quarto, rezando para que você não tivesse feito bagunça demais lá em cima e tivesse tempo de arrumar tudo. Ainda tentei puxar conversa, para ver se ganhava uns minutos pra você, mas eles não são de muito papo não. Uma gente besta demais da conta, viu?

— Não achei nada que prestasse... só uns livros em alemão falando de farmácia, remédio e coisas assim.

— Sabe o que fiz enquanto você estava lá em cima? — pergunta Mariinha.

— Sei. Ficou sonhando com mais um beijo meu...

— Não, seu bobo... Fiquei ouvindo o rádio, para diminuir meu nervosismo.

— E adiantou de alguma coisa?

— Não. Só fez piorar tudo...

— Piorar? — surpreende-se Nino — Por quê?

— Porque ouvi a notícia de mais duas pessoas que tomaram os remédios do seu Otto e ficaram doentes. Quer saber quem?

— Quem?

— O seu Climério da padaria e a dona Suzete do salão de beleza. Os dois foram atendidos pelo seu Duílio da farmácia.

Aqueles nomes, de repente, criam alguma relação entre si no pensamento de Mariinha. E ela comenta:

— Nino, espera aí...

— Que foi? — interessa-se ele.

— Quem foram as outras pessoas? As outras que o doutor Neves atendeu lá no Posto de Saúde?

— A dona Eglantine doceira e o filho dela, o Lelé.

— Percebeu agora?

— Perceber o quê, Mariinha? Desembucha logo, uai.

— Nino, todas essas quatro pessoas são da mesma família!

— Da mesma família?!

— Da mesmíssima. Da família Raposo. Veja só: a dona Eglantine é irmã da mulher do prefeito novo. E a mulher do prefeito é sobrinha em não sei que grau do falecido seu Gabriel Raposo. O nome de solteira dela era Margarete da Mata Raposo, mas agora ela tem o nome Borges, que é do marido dela.

— É mesmo, Mariinha. E o seu Climério e a dona Suzete também são parentes do velho Gabriel. Aí tem coisa!

E é então que Nino se dá conta de algo mais:

— Ei, o Geraldo!

— Que é que tem o Geraldo?

— Ele também é da família Raposo! É isso aí! Ele trabalha lá com a gente!

Nino e Mariinha parecem ler o pensamento um do outro. Mas é ela quem arrisca:

— Gente, será que é ele que está envenenando os remédios?

Aquela pergunta deixa os dois mudos e pensativos. Mariinha novamente rompe o silêncio:

— Eles têm saído sempre à noite.

— Eles quem?

— As *víboras*, uai. Desde que chegaram, saem à noite, de carro, e só voltam depois que eu e minha mãe já nos deitamos.

Dona Dalva e Mariinha moram no primeiro andar do casarão, ocupando cada uma delas um quarto.

— Aonde será que vão? — pensa Nino em voz alta.

Mariinha desvia o rumo da conversa:

— Mas o Geraldo é tão bonzinho. Você mesmo diz que ele é de inteira confiança.

— Dizia — corrige Nino —, dizia. Porque depois do que está acontecendo, eu não ponho mais a minha mão no fogo por ninguém da família Raposo.

Mariinha sorri para ele:

— Eu não sou da família Raposo. Você põe a mão no fogo por mim?

— Por você eu não ponho a mão no fogo. Não ponho porque não precisa. Você já é toda feita de fogo, dos pés à cabeça. Quem te toca sai todo queimado.

— Ah, é? Que tal umas chamuscadinhas agora, hem? — pergunta ela, envolvendo Nino num abraço carinhoso e quente.

12. A linguagem das flores

Depois de descobrir a relação que existe entre as "vítimas" dos remédios, Nino e Mariinha decidem fazer uma visita ao velho Otto. Querem contar a ele o que já descobriram até agora. Vão a bordo da "poderosa" mobilete cor-de-rosa de Mariinha, presente do irmão Humberto da última vez que apareceu em Ocaporã.

No Sítio Estrela Dalva, o velho Otto, já mais recuperado do choque, tenta distrair-se trabalhando. Quando Nino e Mariinha entram, ele está na sala, sentado à mesa diante de um livro verde-escuro muito grande e grosso, de capa dura e letras douradas, páginas muito amareladas.

Mariinha se aproxima dele e lhe dá um beijo na testa. Otto interrompe a leitura, levanta a cabeça e parece que só agora percebe que tem visitas. Alegra-se:

— Nino, Mariinha...

— Oi, padrinho, a gente veio saber como é que o senhor está.

— Estou bem, tentando *trabaiar* um pouquinho para esquecer a *preocupação*.

Otto fala muito bem o português, principalmente para alguém que só aprendeu a língua depois dos quarenta anos. Mas nem por isso consegue evitar algumas pronúncias que logo deixam ver que é estrangeiro.

Mariinha interessa-se pelo velho livro. Vê que está aberto numa página cheia de desenhos de flores coloridas.

— Que bonito, seu Otto! Que livro é esse?

— Esta é uma enciclopédia francesa muito antiga, Mariinha. Ela está me ajudando num livrinho que estou escrevendo.

— Ah, é, padrinho? Que livro?

Otto sorri.

— Um livro sobre a *lingvagem* das flores...

— Linguagem das flores? — pergunta Mariinha, sentando-se à mesa ao lado de Otto. — E desde quando as flores sabem falar, seu Otto?

Otto ri gostosamente.

— *Non* é nada disso, menina. É claro que as flores *non* falam. A gente antiga chamava de *lingvagem* das flores a simbologia que cada flor representava.

Nino também se senta e logo pergunta:

— Simbologia? Que é isso, padrinho?

— Antigamente, as pessoas enviavam flores para transmitir mensagens. *Non* era como hoje, que a gente manda flor só para agradar alguém.

— E como eram essas mensagens? — quer saber Mariinha.

— Era uma coisa muito sofisticada. Para começar, cada cor, por si só, já tinha um significado geral bem definido. O branco, por *eksemplo*, simbolizava a pureza, a castidade, a inocência. O *vermeio* era a cor do amor ardente, da *paixon*. O roxo simbolizava a dor... o azul, a ternura... o verde, a esperança... o amarelo, a alegria... e o marrom, a desconfiança.

— Que coisa mais linda! — exclama Mariinha.

— Mas a coisa *non* parava por aí, *non* — prossegue Otto. — Os tons de cada cor representavam *variaçons* do sentimento que elas simbolizavam. O *vermeio* claro, por *eksemplo*, representa a *paixon* moderada; o *vermeio* vivo é o ardor *eksaltado*, violento; o *vermeio* escuro é a *paixon* ciumenta, misturada com tristeza...

— E o que é que as flores têm a ver com isso? — pergunta Nino.

— Têm tudo a ver — responde Otto. — As flores, de acordo com as cores delas, transmitiam mensagens às pessoas que as recebiam. *Quando* alguém recebia um buquê, sabia interpretar os sentimentos das pessoas que tinham enviado ele.

— Puxa vida, que coisa mais romântica! Devia ser lindo viver na época em que as pessoas conheciam esses códigos... — suspira Mariinha, enviando olhares apaixonados a Nino.

Otto não percebe as indiretas de Mariinha e prossegue, entusiasmado, suas explicações:

— Cada flor pode ser traduzida por uma frase. Por *eksemplo*, a acácia quer dizer "eu gostaria de ser amado"...

— Ah, eu me lembro de uma coisa assim! — exclama Nino. — Foi num livro do Monteiro Lobato... O Saci-Pererê vai embora pro matto, mas deixa na cama da dona Benta um miosótis... E a dona Benta diz que o miosótis quer dizer "não se esqueça de mim"...

Mariinha surpreende-se com aquela lembrança de Nino. "Que bom", pensa ela, "saber que ele tem lugar na memória para coisas assim, delicadas, aprendidas em livro".

— É isso mesmo — confirma Otto. — O miosótis quer dizer "*non* se esqueça de mim"... A azálea, que as pessoas costumam chamar de azaléia, significa "sou feliz por ser amado"... A camélia vermelha dizia "para mim tu és a mais bela"...

Mariinha suspira. Otto prossegue:

— A frase da dália é "vosso amor faz minha felicidade"... A hortênsia diz "vossos caprichos me causam dor"... E o jasmim repete "quero ser tudo para vós"...

Nino pergunta:

— Mas as flores só significam essas coisas assim, melosas e apaixonadas?

Otto responde:

— *Non*, às vezes davam mensagens bem divertidas... Por *eksemplo*, uma petúnia era um aviso de que uma carta de amor tinha ido parar em *mons* erradas...

— Gente, que coisa... — admira-se Mariinha.

— O acônito é uma flor que manda você desconfiar de uma amiga, *non* é *egraçado*? O gladiolo servia para marcar um encontro: você mandava um buquê de outras flores com um gladiolo no meio.

O número de flores indicava as horas do encontro... E se no meio tinha uma papoula branca, o encontro era às tais horas da manhã; se a papoula era de cor, indicava a tarde...

— Ai, que chique, muito melhor que telefonar... — diz Mariinha.

— Eu acho muito complicado — comenta Nino. — Decorar todas essas coisas...

— Complicado nada! — replica Mariinha. — É muito lindo... Hoje em dia a gente tem que aprender e decorar na escola coisas muito mais chatas e complicadas do que isso...

Otto se diverte com a pequena disputa dos dois. De repente, tem uma idéia. Rasga uma folha do seu caderninho de notas e começa a copiar alguma coisa. Mariinha percebe e se interessa:

— O que é isso que o senhor está copiando, seu Otto?

— Vou escrever para você o significado da rosa, que é a rainha das flores, você quer?

— Claro que quero — responde ela, comovida.

Otto rabisca algumas linhas no papel, dobra-o com cuidado e o entrega a Mariinha. Ela o recebe, abre e lê: "Rosa branca, amor que suspira; rosa cor-de-rosa, jura de amor; rosa-chá, galanteria; rosa vermelha, amor ardente, sinal de beleza; grande rosa cor-de-rosa, rainha do coração".

Mariinha sente que vai chorar. Levanta-se, de repente, e diz, com voz trêmula:

— Com licença...

Vai ao banheiro. Chora um pouco, baixinho. E pensa: "Meu Deus, como pode ter gente querendo fazer mal a uma criatura tão delicada como o seu Otto? Um homem que se preocupa em escrever um livro sobre a linguagem das flores?".

Lava o rosto. Sai.

13. Planos para a noite

Mariinha volta à sala e encontra Nino e Otto conversando sobre a família Raposo.

— Será mesmo possível, Nino? A família do meu maior amigo está inventando alguma coisa para me prejudicar?

Otto não consegue acreditar.

— Parece que sim, padrinho. Quem percebeu que todas as supostas vítimas de envenenamento eram da família Raposo foi a Mariinha.

— É verdade, seu Otto — confirma ela.

— E essas pessoas do albergue, o que têm a ver com o caso? — pergunta Otto.

— Ainda não sabemos, padrinho.

Otto pára de falar. Pensa um pouco. Depois diz:

— Nino, que tal você bancar o detetive, hem?

— Como assim, padrinho?

— Você podia seguir os dois para ver aonde *von*, o que fazem — e virando-se para Mariinha: — É verdade que saem toda noite do albergue, Mariinha?

— É, seu Otto. Têm saído direto, toda noite, no carro.

— *Enton*, Nino, você segue os dois. Mas de longe, viu?

— Pode deixar comigo, padrinho. Hoje mesmo começo. E assim que eu souber de alguma coisa, conto para o senhor.

Nino tem uma curiosidade. Quer saber o que o prefeito quis dizer com a pergunta: "O senhor ainda se lembra dos motivos que o fizeram vir para o Brasil?". Mas tem receio de fazer o velho sofrer e por isso prefere não dizer nada por enquanto.

Mariinha diz a Nino que precisa voltar para a cidade.

— Não posso deixar minha mãe lá sozinha.

Nino e Mariinha despedem-se de Otto e voltam para o albergue.

14. Descobertas de Nino

O plano foi traçado. Naquela noite de sexta-feira, quando as *víboras* saírem do seu ninho, Antonino, a bordo da mobilete de Mariinha, seguirá o carrão para ver aonde vai.

A pista aberta pelo fato de todas as "vítimas" serem da mesma família deixou a cabeça de Nino cheia de caraminholas. "Tudo isso só pode ser encenação, puro teatro! Por isso, dona Eglantine e o filho apareceram no Posto de Saúde, 'intoxicados'. E pela mesma razão

seu Climério e dona Suzete foram atendidos por seu Duílio Raposo, dono da farmácia, e também da família!", conclui o rapaz.

Qual seria o papel de Geraldo nessa trama toda? É o que Nino quer descobrir.

Às nove e meia da noite, percebendo que os hóspedes estão saindo no grande carro azul, Nino, já montado na mobilete e à espera deles na esquina, põe-se a segui-los. Trata sempre de manter uma boa distância, como viu em alguns filmes, para não despertar suspeitas.

Enquanto isso, Mariinha, para se distrair um pouco, fica vendo televisão com a mãe.

O carro não anda muito. Afinal, a cidade é pequena. Nino vê confirmadas a dedução de Mariinha e suas próprias suspeitas. O BMW azul-escuro detém-se diante da grande casa de Duílio Raposo, filho do falecido seu Gabriel, dono da farmácia.

E é o próprio Duílio que Nino vê agora sair de casa e entrar no carro, que se põe de novo em movimento.

"Traidor!", pensa, indignado. "Seu Gabriel foi sempre tão amigo do padrinho a vida inteira... E agora, depois de morto, é desrespeitado assim pelo próprio filho, que se juntou com esse prefeito vigarista e com essas *víboras* do governo!"

Continua a seguir o BMW de longe. E já não se espanta quando ele estaciona em frente à casa do doutor Plínio, que também entra no carro. Carro que continua a rodar até finalmente parar na rua que passa por trás da Drogaria Saúde & Paz, fechada àquela hora da noite.

"Então é isso mesmo", confirma Nino. "O tal doutor Plínio, o seu Duílio, a dona Eglantine e todas as *vítimas* denunciadas pelo Sílvio Gallo no rádio estão nessa história, junto com o prefeito e os sujeitos de Brasília. Está na cara que o Geraldo também está metido nisso!"

15. Nino fora, Geraldo dentro

O que Nino não sabe é que Geraldo está naquele exato momento dentro do depósito da farmácia, sozinho e preocupado. Quando soube das acusações contra Otto, ficou muito triste, mas não conseguiu acreditar nelas.

Geraldo, embora filho de Duílio, foi praticamente criado pelo avô, o velho Gabriel. Com ele aprendeu muito do ofício de farmacêutico. Por isso sabia que os remédios de Otto nada tinham de venenoso.

Agora está ali, na farmácia, escondido do próprio pai. Sempre teve uma cópia de todas as chaves, presente do avô, que confiava nele.

E por que veio? Porque está desconfiado. Desconfiado do envolvimento do pai e de outros membros da família em alguma coisa que não lhe cheira muito bem.

Começa a mexer em algumas caixas nas prateleiras do depósito, quando ouve o barulho de passos que se aproximam. Apaga a lanterna que traz na mão e se tranca dentro de um banheirinho inutilizado, que agora só serve de quarto de despejo para material de limpeza.

Ouve a porta se abrir. Alguém acende a luz. Reconhece a voz do pai, que diz:

— Este aqui é o último lote, eu acho. Vai ser despachado amanhã cedo para Pedras de Maria da Cruz.

— Onde é que fica isso? — pergunta um homem, cuja voz Geraldo não reconhece.

— Muito longe, lá para as bandas do rio São Francisco — responde Duílio.

— E já está tudo *batizado*? — pergunta o doutor Plínio.

— Ainda não, Plínio, é justamente o que vim fazer — responde Duílio.

— Me expliquem uma coisa: vocês não disseram que aqueles relatórios de gente intoxicada fora daqui eram todos falsos? Por que vamos *batizar* agora os remédios dessas caixas? — continua a indagar o doutor Plínio.

— Para criar fatos que comprovem o envenenamento, doutor — explica outra voz que Geraldo não identifica. — Se alguém por acaso desconfiar do envolvimento da família de vocês na história, será possível argumentar com outros casos reais em lugares bem longe daqui.

Geraldo não entende aquela conversa. Que história de batismo é essa? Em que a família dele está envolvida? Só então percebe que na porta do banheirinho onde está há uma fresta estreita, por onde

entra um pouco da luz que ilumina o depósito. Ele arrisca olhar por ali e o que vê deixa-o horrorizado.

Seu pai, Duílio, recebe das mãos de um dos homens desconhecidos um pequeno vidro marrom. Com um conta-gotas comprido, retira um pouco do conteúdo do vidro e o vai pingando em cada um dos frascos abertos. São os remédios de Otto! Remédios que ele mesmo, Geraldo, ajudou com tanto cuidado a preparar! E é seu próprio pai quem está provocando todos aqueles problemas! Aquilo só pode ser veneno!

— É pena que o seu filho não possa colaborar, seu Duílio — lamenta um dos homens.

— Teria sido muito mais fácil, não é? — confirma o outro desconhecido. — Afinal, trabalhando dentro do laboratório do velho...

— Pois eu achei que a tua idéia de colocar o Geraldo no laboratório do Otto fosse pra ajudar a gente... — comenta Plínio.

— Nem pensar! — diz Duílio, categórico. — O Geraldo é muito ligado ao Otto. Pus ele lá justamente para mostrar as boas relações entre nós e o velho. Além disso, conheço o menino muito bem e sei que ele não ia topar...

— Difícil de acreditar — comenta o doutor Plínio. — Nessa idade a gente quer ter tanta coisa que não pode... Carro, moto, aparelho de som, viagens, sei lá... Se você falasse do dinheiro que podia rolar para ele...

Terminada a operação, os quatro homens apagam a luz e saem do lugar. Geraldo fica ainda muito tempo onde está, dentro do banheirinho, sem coragem de dar um passo. Está tão triste que poderia chorar o resto da noite. Triste por ter visto o próprio pai ajudando a adulterar os remédios que ele mesmo vende na farmácia a fregueses que compram ali há décadas! Triste por saber que sua família está envolvida na tentativa de destruição do trabalho que Otto Freimann vem fazendo sozinho, com a única intenção de ajudar as pessoas...

E agora? Deve contar a Nino tudo o que sabe? Ou deve preocupar-se em proteger a família? Mas como proteger gente desonesta? E com que cara vai voltar para casa e olhar para o pai? Terá de fingir que não sabe de nada?

Geraldo é um rapaz frágil. Acha que nunca terá coragem de enfrentar o pai. Além disso, conhecendo o temperamento autoritário de Duílio, tem motivos para temer alguma reação violenta.



Cuidadosamente, Geraldo derrama no ralo o conteúdo de todos os frascos de remédios.

E agora? O que fazer?

Uma idéia então lhe ocorre. Se vai contar ou não, é coisa para decidir mais tarde. Agora, porém, tem que impedir que aqueles remédios perigosos cheguem ao destino.

Sai então do seu esconderijo. Cuidadosamente, derrama no ralo do depósito o conteúdo de todos os frascos de remédios adulterados. Depois, recoloca-os em suas caixas e volta a lacrá-las. "É melhor o cliente ficar com raiva por receber caixa com vidro vazio do que por ver gente envenenada pelos remédios que encomendou", avalia.

16. Impaciência de Nino

"Quanto tempo será que eles ainda vão ficar lá dentro?". Nino está impaciente. "O que será que estão fazendo?". Do lado de fora, escondido sob a sombra farta de uma grande árvore, espera que o carro azul se ponha de novo em movimento.

A noite é fresca, clara: lua cheia. A praça onde fica a farmácia é o ponto mais alto da cidade. Tem forma circular e para se chegar a ela é preciso subir várias ladeiras.

Do ponto onde está, Nino consegue ver a Ponte Velha, que corre sobre o rio. É antiga, feita de metal vermelho, e tem uma inscrição em latim que pergunta: *Pacificusne est ingressus tuus?* "É em paz que entras aqui?" Quem dera os hóspedes de dona Dalva, que agora estão dentro da farmácia, tivessem lido e entendido aquela pergunta, que todas as crianças de Ocaporã são obrigadas a decorar na escola.

Nino conta as cento e cinquenta e sete janelas acesas da enorme fábrica de tecidos. Vê a estação de trem, bonita e velha, praticamente inútil há tantos anos. Ainda na praça, o grupo escolar Marília de Dirceu, onde fez o primário, está todo pintadinho de branco para receber os alunos quando terminarem essas férias de meio de ano. Mais à frente é o restaurante Flor da Serra, onde ele comeu o frango com quiabo e angu mais gostoso de sua vida: aniversário de quinze anos.

Seu olhar se detém diante da matriz de Santa Inês, padroeira da cidade. Igreja bonita, do outro lado da praça. Lembra-se de Mariinha ter-lhe dito uma vez, quando ainda eram crianças:

— Será que algum dia eu vou entrar nessa igreja, toda vestida de branco, linda e maravilhosa, para me casar com alguém, ainda mais lindo e maravilhoso?

Nino agora sorri. Quem sabe? E de repente vê, do lado da farmácia, passar o BMW azul. Vai segui-lo de novo, e só para ver todos os seus quatro ocupantes descerem do carro e entrarem na casa de Duílio Raposo.

Nino se aproxima. Deixa a mobilete escondida sob uma grande árvore na esquina da rua escura. A casa não tem jardim e as janelas dão diretamente para a calçada. Nino, do outro lado da rua, lamenta não ter trazido um binóculo.

De qualquer maneira, dá para perceber que estão todos bebendo e conversando, alegres e despreocupados.

Na cabeça do rapaz, várias perguntas se amontoam: "Quem serão esses visitantes misteriosos? Qual o interesse da família Raposo em eliminar o laboratório de Otto? Qual o papel de Geraldo em tudo isso? O que foram fazer todos aqueles homens na farmácia fechada?"

E assim pensando, monta de novo na mobilete e volta para o albergue. Quer contar tudo o que viu a Mariinha.

17. Mariinha se arrisca

Enquanto isso, na companhia da mãe, Mariinha — para não ficar pensando nos riscos que Nino pode estar correndo — assiste, atenta, ao noticiário da televisão.

Vê um ministro, acusado de aceitar suborno, ficar pálido ao saber que existe uma fita gravada com toda a conversa em que lhe ofereceram milhares de dólares para fazer alguma coisa não muito certa.

— Veja só, minha filha — comenta dona Dalva —, o estrago que um simples gravadorzinho de bolso pode fazer. Uma fitinha cassete do tamanho de uma caixa de fósforo pode derrubar até um ministro do governo.

Mariinha apenas balança a cabeça. Um simples gravadorzinho. De repente, tem alguma idéia estranha.

— Espere aí, eu também tenho um! — grita ela.

— Tem o quê, menina? — pergunta a mãe, assustada com o grito.

Mariinha tenta disfarçar.

— Hem? O quê?

— Eu é que pergunto, menina. Que grito foi esse? Viu assombração?

— Não, mãe, foi só um pensamento maluco que passou pela minha cabeça...

— Eu, hem... — diz dona Dalva, com um muxoxo. Mariinha se levanta do sofá onde estava sentada.

— Aonde vai, menina? — quer saber dona Dalva. — Daqui a pouco começa a novela.

— Não estou a fim de ver bobajada de novela hoje não, mãe. Acho que vou cuidar de algumas coisas lá no escritório, tá?

Sai. "Será que eu estou enlouquecendo com essa história toda?", pensa. "Ou será que é o amor que deixa a gente assim, meio abobalhada?"

A idéia é simples. Ela tem um gravador pequeno, mas não tão minúsculo como o que apareceu no noticiário. Comprou em Belo Horizonte, quando foi passear num *shopping* com a irmã Valéria. Funciona a pilha, tem um microfone embutido supersensível. E se ela o colocasse no quarto das *víboras*? Quem sabe não gravava alguma coisa importante?

"Acho que estou realmente ficando louca", pensa Mariinha enquanto, no seu próprio quarto, pega o gravador e põe nele pilhas novas e uma fita virgem. "Será que vou mesmo?", hesita um pouco. Depois, pensa em Nino, lembra dos beijos gostosos dele. "Será?" Vê então, sobre a sua mesinha de cabeceira, um papelzinho dobrado. É o que Otto escreveu para ela. "A linguagem das rosas". Decide-se então: "Tenho que ir, preciso ajudar o seu Otto".

Com pisadas de gato, evitando qualquer ruído para não chamar a atenção da mãe ou de algum outro hóspede, ela sobe até o andar do quarto das *víboras*.

Acende a luz do pequeno abajur da cabeceira de uma das camas. Vê sobre a mesinha os livros de capa alaranjada que Nino diz ter folheado. Mas agora, sobre a cômoda, encontra também uma revista.

"Também em alemão, eu acho", pensa Mariinha enquanto aproxima o rosto da capa da revista, que trouxe para perto da luz do abajur.

Der Spiegel, lê. "Ah, eu acho que já vi umas revistas dessas na casa do Nino". Esta edição, porém, é de *21 August 1961*. "Cruzes, para que é que alguém quer guardar uma revista tão velha?", espanta-se ela. "Isso aqui é de muito antes de eu nascer."

A capa está dividida ao meio por uma linha diagonal branca e cada um dos campos está ocupado por uma foto. Uma é a de um homem que Mariinha acha bastante parecido com Otto Freimann. "Será que alemão é tudo a mesma cara? Esse aqui parece um filho do seu Otto!"

A outra foto mostra uma prateleira de farmácia repleta de caixas de medicamentos, todas com a marca Schlange estampada embaixo do nome dos remédios.

A capa também tem uma frase, indecifrável para Mariinha: *Zuckermann gegen Schlange. Die Ozoptyxs Krieg!* "Só mesmo o Nino para achar bonita esse raio de língua. Vê só cada palavra feia...", pensa ela enquanto põe a revista de volta onde a encontrou.

18. No túnel do tempo (I)

Se Mariinha soubesse alemão e pudesse ler aquela revista, ficaria sabendo de um escândalo muito importante que ocorreu na Alemanha em 1961. Tão polêmico que a revista *Der Spiegel* chamou-o de "guerra". A luta do cientista Karl Zuckermann contra a indústria farmacêutica Schlange, a maior do país.

Frankfurt, Alemanha, 12 de junho de 1961. Três horas da tarde.

Numa enorme sala de reuniões, o presidente da companhia, Friedrich Schlange, está de pé à cabeceira de uma mesa oval e muito comprida. Em torno dela estão sentadas pelo menos umas dez outras pessoas.

— Senhores e senhoras — diz ele em tom grave —, esta reunião foi convocada com um único objetivo: definir a estratégia de comercialização do Ozoptyx. Temos encomendas do mundo inteiro. Este é o maior passo dado pela Schlange em toda a sua história.

O Ozoptyx é um remédio desenvolvido pelo próprio Friedrich Schlange. Depois de anos de pesquisa, descobriu uma fórmula capaz de evitar o câncer de mama, que é a principal causa de morte de mulheres em todo o mundo.

Schlange sabe que seu nome está entre os indicados para o próximo Prêmio Nobel de Medicina e não esconde seu orgulho. Além disso, com a venda do remédio em muitos países, ele e sua indústria ganharão talvez mais dinheiro do que a Volkswagen, a Basf, a Siemens ou qualquer outra empresa alemã.

Antes que possa prosseguir a reunião, porém, Schlange é interrompido pela secretária, que lhe diz pelo interfone:

— Doutor Schlange, o representante do Ministério da Saúde, doutor Karl Zuckermann, já chegou.

— Pois não, dona Ingrid. Diga a ele que pode entrar.

Logo em seguida, a porta principal se abre e surge a secretária, trazendo consigo um homem de terno azul-marinho, a quem ela oferece um lugar na mesa de reuniões. Ele agradece e se senta.

Schlange explica aos demais presentes:

— Senhores e senhoras, quero que conheçam o doutor Karl Zuckermann, chefe do Departamento de Fármacos do Ministério da Saúde. Como todos sabem, nenhum medicamento pode ser comercializado na Alemanha sem a autorização do governo federal. O doutor Zuckermann foi quem me solicitou que marcasse esta reunião. Ele vai nos dar notícias do Ozoptyx. Notícias boas, não é mesmo, doutor Zuckermann?

Zuckermann pigarreia um pouco antes de dizer:

— Infelizmente não, doutor Schlange. As notícias que trago não são nada boas...

Friedrich Schlange senta-se para não dar a perceber seu choque. Tenta manter a calma. Zuckermann levanta-se:

— Se o senhor me permitir, gostaria de mostrar a todos os presentes os relatórios das nossas investigações...

— Prossiga — ordena Schlange, em tom seco. Zuckermann distribui várias pastas alaranjadas.

— Como os senhores e senhoras verão, o Ozoptyx simplesmente não pode ser comercializado.

— Como não pode?! — exclama Schlange, perdendo um pouco a frieza.

— Não pode. O Ozoptyx tem efeitos colaterais assustadores para a saúde da mulher.

Schlange não consegue, não pode, *não quer* acreditar no que ouve.

— O senhor tem certeza do que está dizendo, doutor Zuckermann?
— perguntou uma das diretoras da área comercial da empresa.

— Tenho sim, senhora Scheinhaus. Se todos tiverem a bondade de abrir os relatórios que distribuí, poderão conhecer os resultados dos nossos testes.

Schlange, com visível irritação, abre, num gesto duro, a brochura que está à sua frente sobre a mesa.

— Como se pode ver — prosseguiu Zuckermann —, o Ozoptyx realmente tem tudo o que é necessário para evitar o câncer de mama. No entanto, nossos testes com ratos e chimpanzés mostram que, ao cabo de dez ou doze anos, a mulher que tiver usado o Ozoptyx nas quantidades necessárias perderá gradualmente a visão até ficar totalmente cega, além de perder também a mobilidade dos músculos da face.

Schlange pensa estar no meio de um pesadelo. Não é possível!

— Qual a porcentagem das cobaias que apresentaram estes problemas, doutor? — pergunta alguém.

— Mais de oitenta por cento, senhor Fensterflügel. Friedrich Schlange devora com os olhos aqueles gráficos e tabelas. Vê as fotografias de macacos cegos. Sim, é verdade. Mas não, ele não vai deixar seu sonho ruir assim!

— Os resultados após as primeiras aplicações são realmente muito bons — prossegue Zuckermann —, mas com o tempo a situação se torna dramática. O Ministério da Saúde não pode dar o certificado que libera o Ozoptyx para a comercialização. Só me surpreende que os laboratórios da própria empresa Schlange não tenham chegado a estas mesmas conclusões.

Schlange sabe que chegaram. Mas nunca pensou que os técnicos do Ministério da Saúde fossem tão competentes para descobrir efeitos tão distanciados no tempo. Não sabia que Karl Zuckermann era um cientista tão notável. A idéia de Schlange era comercializar o Ozoptyx e, mais tarde, quando surgissem os problemas, estudar uma estratégia para enfrentá-los. Até lá, ele e sua empresa já estariam suficientemente bilionários para

pagar eventuais indenizações. E agora vinha aquele reles burocrata atrapalhar tudo.

Arrisca uma ameaça:

— Podemos tentar conseguir um certificado da Associação Européia de Farmacologia. Com ele, o remédio terá livre circulação nos países-membros.

— Não o aconselho, doutor Schlange. O senhor sabe muito bem que a primeira coisa que a Associação Européia de Farmacologia faz antes de permitir a comercialização de um remédio novo é solicitar um parecer do governo do país produtor. O mesmo acontece com a Sociedade Americana de Farmácia.

Schlange recupera a calma. Levanta-se abruptamente e diz:

— Já que é assim, a reunião está encerrada. Se precisar dos senhores e senhoras volto a convocá-los.

O tom da voz é de tamanha autoridade que ninguém ousa perguntar nada. Todos se levantam, calados, e começam a deixar a sala. Quando se aproxima da porta, Zuckermann ouve o presidente chamá-lo:

— Doutor Zuckermann, o senhor fica, por favor.

19. Mariinha em apuros

Mariinha, agora, tem de achar um lugar para deixar aquele gravador. Só então é que começa a perceber os furos do seu plano.

"Gente, como eu sou boboca!", pensa, desanimada. "Como é que eu vou ligar e desligar esse gravador? Por acaso vou ficar trancada no armário o tempo todo que as *víboras* estiverem aqui? Se eu contar pro Nino ele vai me chamar de coiό vinte e cinco vezes!"

Sentindo-se ridícula, apaga a luz do abajur e prepara-se para sair do quarto quando ouve vozes do lado de fora, no corredor. São eles? Sim, as *víboras*, mas falando alto, cantando alguma coisa...

O que fazer? Mariinha fica tão atordoada que corre a esconder-se, gravador em punho, debaixo de uma das camas. E, apesar de assustada, ainda consegue pensar: "Tá vendo como é bom a gente se preocupar em não engordar? Se eu estivesse mais gorda era bem capaz de não caber debaixo dessa cama!"

No mesmo instante em que se ajeita embaixo da cama, a porta se abre e a claridade do corredor invade o quarto. Logo em seguida,

a porta se fecha e ao mesmo tempo a luz do próprio quarto se acende.

Os dois homens estão muito alegres. Um deles, Lobato, que Mariinha reconhece pela voz, dá gargalhadas enquanto diz:

— Esse tal de Duílio Raposo é mesmo genial! Quem diria que ele pudesse conseguir deixar a gente bêbados desse jeito?

— Também, com aquela quantidade de pinga da fazenda dele que a gente teve de provar... — comentou Lima, com voz pouco firme.

— Pois eu nem vou tirar a roupa, sabia? — informa Lobato. — Vou cair nessa cama e dormir até amanhã de noite... Quá-quá-quá-quá...

E cumpre a ameaça. Mariinha sente a cama ceder um pouco sob o peso do homem que se deita nela. E agora? Eles não parecem estar com muita vontade de sair de novo. Será que ela vai ter de passar a noite toda ali, naquela posição terrível? E se por alguma razão demoníaca um deles resolve espiar debaixo da cama? É quando lhe vem a idéia de ligar o gravador e tirar proveito daquela situação maluca.

— Você viu como a mulher do Raposo é gostosa? — perguntou Lobato. — Aquela é uma com quem eu fugia pra Miami!

— Eu também, meu caro, eu também — responde Lima. — Fico só imaginando como deve ser a tal filha mais velha que faz medicina em Belô...

— Deve ser um tremendo avião — comenta Lobato.

"Nojento!", pensa Mariinha, chocada com aquela falta de respeito.

— Essa família Raposo está saindo melhor do que a encomenda, não é? — comenta Lima.

— Se está! — confirma Lobato. — São tão colaboradores, fazem tudo o que a gente pede... Menos o molecote lá, o tal Geraldo...

— O pai deve saber o que faz. Se achasse que podia confiar nele, na certa tinha colocado o menino na jogada. Mas já está tudo resolvido, não é? Quem está por dentro já está fazendo muito bem o seu papel...



Mariinha sente a cama ceder um pouco — E agora?

— Também, não é à toa — diz Lima —, com a grana preta que eles vão ganhar agora com a venda dos remédios da Schlange, fora as gratificaçõeszinhas que vamos dar...

Mariinha presta bastante atenção no que está ouvindo. "Que gente mais podre!", pensa.

— O bobo do prefeito e o secretário dele lá, o tal Plínio, também estão dando conta do recado... E o melhor é que a gente nem precisa aparecer muito — continua Lima. — Nem foi preciso usar a revista alemã velha que o pessoal da Schlange sugeriu...

— De qualquer maneira, a revista está sempre aí e a gente pode dar ela de presente ao velho para ele refrescar a memória caduca dele... — diz Lobato.

"Eu, hem, que papo mais doido, sô! Não consigo entender patavina!", pensa Mariinha.

— Por falar em dinheiro, você já sabe o que vai fazer com a dinheirama incalculável que vai ganhar depois que a gente se mandar dessa cidadezinha besta? — pergunta Lobato.

— Claro que sei. Vou direto para o Havaí e de lá não saio nunca mais. Daqui mesmo sigo para o primeiro aeroporto internacional e *bye bye*... Não vou nem a Brasília pedir demissão do Ministério... Já trouxe até o passaporte comigo... Adeus, Schlange, adeus, vovô Zuckermann... E você? Vai fazer o quê? Já se decidiu?

Lobato não responde, pois já está roncando. Deve ter bebido muito para desabar assim. Lima ainda se despe, abre o armário, tira o pijama, veste-o. Somente então é que se deita, após apagar a luz.

E agora? Um já está dormindo, pois ronca a todo vapor. E o outro? Como saber? Mariinha só pode fazer uma coisa: esperar.

E espera por mais de hora e meia. De repente, começa a ouvir a voz de Lima a dizer coisas enroladas e incongruentes. É a sorte dela: veio parar num quarto onde um dos hóspedes ronca e o outro fala enquanto dorme.

Silenciosamente, esgueira-se para sair de onde está. Sempre agachada, abraçada ao gravador, dirige-se à porta. Abre-a, levantando bem o braço e girando a maçaneta com toda a delicadeza possível. A porta range ao se abrir. Uma réstia mínima da luz do corredor penetra no quarto.

É agora ou nunca!

De repente, um grito faz gelar seu coração. Pára, espera. Não foi nada. Só o tal Lima a falar de novo enquanto dorme.

Mariinha, trêmula, sai do quarto. Levanta-se finalmente. Fecha a porta. Quando está de pé no corredor, descobre, junto da escada, um desesperado Nino.

Não conseguindo encontrar Mariinha na recepção, teve um pressentimento de onde ela poderia estar.

Ao vê-lo, ela se assusta e leva a mão à boca, para impedir um grito. Depois, corre ao encontro dele. Nino abraça-a com força, mas não quer ficar ali nem mais um segundo. Puxa-a para que desçam já as escadas de volta a lugar mais seguro.

20. Conversa de madrugada

Trancados no escritório do albergue, só com um pequeno abajur aceso e as portas trancadas, Nino pede a Mariinha que explique o que aconteceu.

— Foi assim. Você saiu para espionar as *víboras*. Eu fiquei em casa vendo televisão com a minha mãe. Vai que aparece no noticiário um ministro que está sendo acusado de ter aceito suborno. Alguém que ele quis meter na jogada gravou a conversa e essa fita está sendo usada no processo.

— Sei, e daí? — impacienta-se o rapaz.

— Daí que eu me lembrei que também tinha um gravador pequeno, que comprei em Belo Horizonte nas últimas férias que passei lá.

— Sei, e daí?

— Daí que me veio a idéia de deixar o gravador no quarto deles para tentar gravar alguma conversa que pudesse comprometer os dois.

— Sei, e daí?

— Ai, Nino, você só sabe dizer "sei, e daí", é? Não consegue adivinhar o que foi que aconteceu?

— Claro que não consigo adivinhar. Se conseguisse, não te pedia para me contar.

Mariinha fica emburrada. Nino reconhece que foi impaciente. Pede desculpas. Passa a mão pelos cabelos vermelhos dela.

— Bom, assim está melhor — diz ela. — Agora... peguei o gravador, subi até o quarto, comecei a procurar um lugar para deixar o gravador e aí eles chegaram...

— Pegaram você? — assusta-se Nino.

— Não... Eu corri e me escondi debaixo de uma das camas...

— Que loucura, Mariinha!

— Não é mesmo? Mas foi bom, porque eles estavam meio bêbados e começaram a falar...

— E o que foi que disseram?

— Isso — responde Mariinha, apertando uma tecla do gravador. A fita começa a rodar e Nino ouve todo o estranho diálogo.

— Que barulho horrível é esse aí, agora?

— Ah, é o ronco de um deles... — explica Mariinha, desligando o aparelho.

Nino fica pensativo.

— Esta fita é muito importante para a gente, Mariinha.

— Eu sei — diz ela, com orgulho.

— A gente tem que guardar muito bem guardada, e se possível até fazer uma cópia.

— Eu sei — diz Mariinha. — Já pensei nisso também. Amanhã mesmo vou copiar. Minha mãe tem um aparelho de som no quarto dela que tem duplo *deck*...

— Tem o quê? — pergunta Nino, que entende pouco dessas coisas.

— Ih, Nino, duplo *deck*! Um gravador que pode gravar de fita para fita! Você até parece um capiau... — diz ela, que se orgulha muito de conhecer coisas de cidade grande.

Nino, sem ligar para o comentário, pergunta para si mesmo:

— Quer dizer que o Geraldo não está metido nisso tudo?

— Não — responde Mariinha —, isso ficou bem claro no papo lá das *víboras* bêbadas...

— Ainda bem, o Geraldo é tão legal... — conforta-se ele. E em seguida: — Eles falam aí da Schlange, e a Schlange eu sei o que é. Mas quem será o tal "vovô Zuckermann"?

Só então Mariinha se lembra:

— Ei, eu acho que li esse nome na revista.

— Que revista? — interessa-se Nino.

— Uma revista alemã, igual àquelas que você tem em casa.

— Der Spiegel?

— Isso mesmo — confirma ela. — Tinha uma revista dessas lá no quarto das *víboras*. Eu vi em cima da cômoda. Na capa aparecia esse nome aí, Zuquermã, e também o nome da tal fábrica de remédios que você falou.

— Será que é dessa revista que eles estavam falando? Uma revista que eles podiam usar?

— Vai ver é... — arrisca Mariinha.

Breve silêncio.

— Tem outra coisa que também ficou bem clara — diz Nino.

— O quê?

— Esses dois que estão hospedados aqui devem estar com o rabo bem preso.

— Não estou entendendo... — diz Mariinha.

— Ora, se vão receber muito dinheiro pelo que estão fazendo é porque não é nenhum serviço para o governo, concorda? Funcionário público faz o que tem que fazer sem precisar de "prêmios", não é?

— Eles estão sendo subornados também, feito o tal ministro da televisão?

— Só estão. Isso aí é corrupção das boas. E se para usar o dinheiro que vão ganhar eles precisam até sair do Brasil, é porque o que eles estão fazendo não é lá muito legal, não é?

— Puxa vida, quanta coisa numa noite só! — espanta-se Mariinha.

— E isso porque eu ainda nem te contei o que foi que descobri no meu "passeio" de mobilete... — diz Nino.

E ele vai relatando tudo o que viu para Mariinha, que se surpreende com cada novo detalhe. E a conversa vara a madrugada, até que, exaustos, vai cada um para seu quarto e tenta descansar um pouco.

21. Telefonema de Afonso

Sábado de manhã. Pouco depois das oito horas, o telefone do albergue toca. Mariinha atende. É Afonso, que quer falar com Nino. Ela vai até a cozinha chamá-lo. O rapaz, que está em pleno café da manhã, precipita-se até o escritório e agarra o aparelho. Começa a dizer umas coisas sem muito nexos, gagueja muito, a ponto de, do outro lado, Afonso perguntar:

— Nino, você está bem? Não estou entendendo nada do que você está dizendo...

Nino se acalma. Respira fundo. Recupera o fôlego normal. Diz:

— Desculpa, Afonso, mas é que eu tenho um monte de coisas para te contar e não sei nem por onde começar.

— Que tal do começo? — sugere Afonso, rindo.

— Vou tentar. Primeiro: os caras que estão hospedados aqui no albergue estão pagando o prefeito e o doutor Plínio para desmontarem o laboratório do padrinho...

— Eu já desconfiava — diz Afonso. — Como foi que você descobriu isso?

— A Mariinha gravou uma fita dentro do quarto deles. Nessa fita, eles deixam bem claro que estão levando muita grana para fazer o que estão fazendo.

— Uma fita? — espanta-se Afonso. — Mas isso é muito bom, quer dizer, se a gravação estiver boa, se a fita estiver bem audível.

— Super bem audível — assegura Nino. — Além disso, eu segui os dois ontem à noite e vi quando eles pegaram o seu Duílio e o doutor Plínio em casa e foram com eles até a farmácia do velho Gabriel.

— Na farmácia, fazer o quê? — pergunta Afonso.

— Isso eu não descobri, Afonso, mas a gente pode desconfiar, não é? Devem ter ido lá para envenenar os remédios...

— Claro, claro... — comenta Afonso.

— E você aí em Brasília? Descobriu alguma coisa?

— Muita coisa, Nino.

— Ah, é? — interessa-se o rapaz. — O quê?

— Não posso dizer agora, Nino, porque meu avião sai daqui a pouco.

— Avião? Avião para onde?

— Para Belo Horizonte. Preste atenção: daqui a mais ou menos uma hora vou chegar lá e alugar um carro até Ocaporã. Hoje mesmo antes de anoitecer devo estar por aí.

— Oba, vai ser ótimo! — comemora Nino.

— Quero que você peça à dona Dalva que reserve um quarto para duas pessoas que devem chegar aí hoje, na mesma hora que eu. Agora vou desligar. Tchau, Nino, até daqui a pouco! — e Afonso desliga.

22. Perseguição ao falso inimigo

Para se distrair enquanto Afonso não chega, Nino pediu novamente a mobilete de Mariinha emprestada. Decidiu dar um pulo no Sítio Estrela Dalva, para contar a Otto tudo o que aconteceu na noite de ontem.

Toma todas as precauções para não ser seguido, principalmente pelos repórteres e jornalistas que andam bisbilhotando por ali.

Chega ao sítio e, sempre na mobilete, vai acompanhando a cerca que delimita a propriedade.

De repente, vê alguém de pé, parado ao lado de uma bicicleta azul, perto do portão que dá acesso ao sítio. Nino reconhece no ato: é Geraldo! "Mas o que é que ele veio fazer aqui?", inquieta-se o rapaz.

Geraldo também já o viu. Apavorado, monta na bicicleta e foge em disparada, pedalando desesperadamente. Ele está mais perto da estradinha que leva à cidade, mas Nino tem um veículo mais rápido e não demora a se aproximar dele.

Geraldo pedala com todas as forças que seu corpo franzino permite, mas, ao virar-se para olhar para trás, a roda dianteira da bicicleta bate contra a raiz exposta de uma árvore grande. Geraldo é atirado ao chão. Sua bicicleta fica de rodas para o ar, ainda girando.

Nino chega, desce da mobilete, corre para acudir o amigo.

— Ei, Geraldo, você se machucou?

Geraldo, ainda tonto, senta-se no chão empoeirado da estrada. Tem um pequeno corte no alto da testa, que está sangrando. Ao ver Nino, começa a dizer, gago e amedrontado:

— Não fui eu, Nino, juro que não fui eu!



— Ei, Geraldo, você se machucou?

Começa então a soluçar e a chorar, meio descontrolado. Nino tem dó dele. Agacha-se junto do rapaz:

— Que é isso, Geraldo? Que história é essa de "não fui eu, não fui eu?" Do que é que você está falando?

— Dos remédios... Dos remédios... Dos remédios envenenados...

"O que será que ele sabe disso?", pergunta-se Nino.

— Olha aqui, Geraldo, eu sei que você não tem nada a ver com isso, tá? Eu sempre confiei em você e ainda confio. Eu tenho provas da tua inocência, tá certo? Só não estou entendendo o que você veio fazer aqui hoje, sozinho e meio escondido.

Geraldo já se acalmou. Limpa com a mão um pouco do sangue que lhe corre pela testa. Nino diz:

— Olha, vamos lá para dentro? Você pode se lavar, cuidar desse ferimento e a gente conversa com meu padrinho, tá bom?

23. No túnel do tempo (II)

Zuckermann, atendendo à quase ordem de Friedrich Schlange, que lhe disse para ficar, senta-se de novo em seu lugar à mesa de reuniões. O presidente Schlange senta-se perto dele, mas sobre a mesa, com uma perna apoiada numa cadeira e a outra balançando nervosa no ar.

— Meu caro doutor Zuckermann, há quanto tempo o senhor trabalha no Ministério da Saúde?

— Há uns vinte anos. Assim que terminei o curso na universidade, fiz concurso e ingressei no ministério.

— Vinte anos? — comenta Schlange, com tom um pouco afetado.
— É muito tempo, não é?

Zuckermann não entende aonde o rico empresário quer chegar.

— E você gosta de trabalhar nisso? Aposto que, se pudesse, gostaria de se dedicar a alguma coisa muito mais excitante, não é?

Zuckermann, homem de coração puro e desprovido de malícia, não percebe aonde Schlange o quer levar, e responde, inocente:

— Se eu tivesse tempo e dinheiro, montaria uma expedição científica à América do Sul, para investigar o potencial farmacológico da flora equatorial.

Schlange, surpreso com a sinceridade da resposta, entusiasma-se e pensa: "Este vai ser fácil dobrar". E diz, em tom de intimidade:

— Pois então, Karl! Se é esse o seu sonho, vamos montar essa expedição!

Zuckermann se surpreende. Há tantos anos que vem tentando conquistar a simpatia do ministério para aquele projeto meio maluco, e agora, de repente... aquilo. Schlange não lhe dá muito tempo para refletir e ataca de novo:

— A gente pode fazer essa troca de gentilezas, Karl. Você ganha a sua expedição científica totalmente financiada por nós, e em troca...

De repente, uma centelha ilumina o pensamento de Karl Zuckermann, que compreende de imediato as intenções de Schlange. Indigna-se, revolta-se, horroriza-se, sente-se aviltado. Levanta-se e diz, com voz trêmula:

— Como ousa me fazer uma proposta dessas? O senhor saiba que eu jamais permitirei um crime dessa natureza! Porque o que está me pedindo é um crime, sim! O senhor não me conhece, doutor Schlange, sou um funcionário público honrado, trabalho para o governo há anos...

Friedrich Schlange também se levanta. Caminha sem pressa até sua cadeira de presidente e diz em tom calmo:

— Trabalhava.

24. O dilema de Geraldo

Nino ajudou Geraldo a tratar do corte, que na verdade foi só um arranhão um pouco mais fundo. Otto preparou para ele um chá calmante, que Geraldo tomou de um gole só. Depois, na sala da casa, Nino diz:

— Muito bem, Geraldo. Chegou a hora. Pode começar a falar.

Geraldo suspira fundo. Hesita no começo, mas finalmente desembucha:

— Eu tinha vindo até aqui contar uma coisa para o seu Otto. Mas depois me arrependi e decidi voltar para casa. Aí você chegou,

Nino, eu me apavorei, achei que você ia desconfiar de mim e sai correndo daquele jeito.

Otto pergunta:

— O que é que você veio me contar?

Geraldo hesita. Pensa. Por que será que tudo na vida dele tem de ser sempre assim, cheio de indecisões e dúvidas? Olha para Otto, que o fita com seus olhinhos azuis. Pensa no avô morto. Decide-se:

— Descobri que os remédios feitos no laboratório estão sendo envenenados no depósito da nossa farmácia.

Vê a surpresa que suas palavras provocam na expressão do rosto de Otto.

— Eu estava lá ontem à noite — prossegue o rapaz, ainda meio nervoso —, escondido atrás de umas caixas e ouvi tudo... Não pude ver quem era porque estava muito escuro...

Nino não consegue acreditar que Geraldo não saiba quem eram as pessoas. "Está mentindo", conclui. Força-o um pouco:

— Geraldo, como é que você sabe que eles envenenaram os remédios se acabou de dizer que estava escuro e não pôde ver quem era?

Geraldo, assim flagrado, tenta inventar ainda:

— É... porque eu ouvi o que eles estavam falando...

Nino não titubeia em afirmar:

— Geraldo, você está tentando esconder o nome das pessoas, não está? Quem é que podia entrar na farmácia àquela hora da noite? Só podia ser alguém da *tua* família, não é?

Geraldo gagueja de novo. Mas não responde. Nino retoma:

— Não adianta você esconder nada de mim porque eu também vi...

Otto não entende. Geraldo se assusta:

— Viu o quê?

Nino, com voz tranqüila, explica:

— Eu segui o carro dos tais caras de Brasília, com eles dois dentro, e vi quando eles pararam na frente da *tua* casa. Vi seu Duílio, *teu* pai, entrar no carro. Vi também o doutor Plínio, *parente de vocês*, entrar no mesmíssimo carro. Vi quando os quatro desceram na rua por trás da farmácia e entraram pela porta dos fundos.

Geraldo está pálido.

— É isso aí, Geraldo — diz Nino —, enquanto você estava *lá dentro*, eu estava *lá fora*...

Nino então percebe que os olhos de Geraldo estão úmidos. O rapaz, profundamente triste, se encolhe no sofá, esconde o rosto por alguns segundos, envergonhado. Depois, enxuga os olhos com as costas das mãos. Até que, com voz embargada, diz:

— Nino, eu quero ajudar vocês. Quero ajudar muito o seu Otto, que foi o maior amigo do meu avô Gabriel. Só que é muito difícil, entende, muito difícil alguém ter de acusar o próprio pai de... tentativa de assassinato...

Otto comove-se com a situação do rapaz. Sabe que Geraldo gosta dele, mas não sabia que podia contar com tanta lealdade! Levanta-se de onde está, aproxima-se dele e diz então:

— Tudo bem, Geraldo, eu entendo. Agradeço muito a sua lealdade. Seu avô ficaria muito *orgulhoso* de você. Você está sendo fiel ao seu avô, que foi o maior amigo que tive a vida toda. Por isso quero te fazer uma promessa: prometo, em memória à honestidade de seu avô Gabriel, que nunca vou contar para ninguém que foi você quem fez essa *revelação* importante. Que é que você acha?

Geraldo esboça um sorriso:

— O senhor promete mesmo? Não conta para ninguém?

— Prometo! Para ninguém — diz Otto, estendendo a mão ao rapaz.

Geraldo aperta a mão de Otto. E sente como se lhe tivessem tirado dos ombros um peso maior que o do mundo. Nino se alegra com o que vê. Otto então pergunta a Geraldo:

— Agora, Geraldo, para que você *non* precise testemunhar, temos que encontrar alguma prova do envenenamento.

— Prova, padrinho? Como assim? — quer saber Nino.

— Muito simples, Nino — responde Otto. — Para adulterar os nossos remédios, eles devem ter usado algum instrumento de farmácia, uma pipeta, um frasco com o veneno... alguma coisa assim...

Geraldo então se lembra de algo que viu.

— Acho que vai ser fácil... Eu vou lá buscar e volto logo.

Otto ainda adverte:

— *Non* deixe ninguém perceber o que você está procurando. E se encontrar alguma coisa, use luvas para *non* misturar as suas *impressions* digitais com as dos... com as deles...

Otto quase dizia "dos criminosos", mas evitou ferir Geraldo com aquela palavra dura.

— Pode deixar comigo — diz Geraldo, que monta na bicicleta e pedala até a cidade.

Enquanto isso, Nino conta ao padrinho as aventuras suas e de Mariinha à noite. Avisa que Afonso está para chegar. Resume a conversa gravada na fita. Otto se abala um pouco ao ouvir os nomes Schlange e Zuckermann, mas diz que não sabe do que se trata.

25. Coletando provas

Geraldo deixa a bicicleta na rua para onde dá a porta dos fundos da farmácia. Tem a chave do depósito. Ser visto ali não causaria surpresa a ninguém. Geraldo desde menino frequenta a drogaria. Mesmo assim, ele prefere não ser notado.

Entra no depósito. Procura que procura. Lembra-se de ter visto seu pai jogar, displicentemente, o conta-gotas e o vidro de veneno numa lata de lixo. Erro fatal! Lá estão os objetos comprometedores.

Lembrando-se da recomendação de Otto, Geraldo pega o vidro e o conta-gotas com uma pinça e os guarda num saco plástico, que ele fecha com um laço bem dado.

Volta a pedalar na direção do Sítio Estrela Dalva. Chega lá ofegante. Vai entrando e mostrando o saco:

— Aqui dentro tem um vidro e um conta-gotas. Eles devem ter as impressões digitais do meu pai e dos outros...

Ele ia dizer "bandidos", mas não conseguiu.

— E o que é que a gente faz com os remédios envenenados? — preocupa-se Otto. — *Non* podem ser vendidos...

Geraldo conta-lhes então a substituição que fez. Otto o parabeniza:

— Muito bem, Geraldo. Foi uma ótima *soluçon*.

Geraldo agradece toda a força que lhe deram. Vai conseguir voltar para casa e enfrentar melhor a situação.

26. Afonso chega

Depois do episódio com Geraldo, Nino voltou para a cidade. Está tão impaciente para se encontrar com Afonso que se plantou diante da casa do advogado e amigo. Assim que ele chegar, vai ficar sabendo das atividades criminosas da família Raposo em colaboração com as *víboras* de Brasília.

Mariinha está cheia de trabalho no albergue. Ela e dona Dalva estão tendo que despistar a todo momento as pessoas que querem saber do paradeiro de Otto. Mariinha inventou uma resposta para todas as perguntas: "Me disseram que ele viajou para a Alemanha para visitar a família". Alguns acreditavam, outros não.

Passa das seis da tarde quando um grande carro cor de vinho estaciona diante da casa dos pais de Afonso. Nino, que estava sentado no meio-fio, levanta-se para receber o amigo. Nota então que ele não está só. Do carro descem uma senhora de idade e um rapaz de mais ou menos vinte anos. Serão os dois amigos para quem Afonso pediu hospedagem no Albergue Casa Bonita?

— Afonso! — vai logo exclamando Nino. — Você não imagina o que está acontecendo aqui!

— Imagino sim, Nino! — diz Afonso, sorrindo. — Você é que não imagina o que foi que eu descobri!

— O que foi?

— Calma, rapaz, calma. Deixe-me chegar em casa primeiro. Eu preciso acomodar estas pessoas.

— Mas você disse que elas iam ficar no albergue da dona Dalva...

— Estas não — explica Afonso. — As que iam ficar no albergue ainda vão chegar lá. Vamos entrar?

27. No túnel do tempo (III)

Na televisão alemã, um programa de entrevistas de julho de 1961 teve como convidado o doutor Karl Zuckermann. A famosa jornalista Ingedore Vogel anunciou assim seu entrevistado:

— Karl Zuckermann. Talvez o nome mais pronunciado e escrito na Alemanha nestas últimas semanas. Um pacato funcionário público, chefe do Departamento de Fármacos do Ministério da Saúde, pesquisador com

vários trabalhos publicados no campo da farmacologia, torna-se de repente o centro de um grande debate. Demitido de seu cargo público por razões pouco esclarecidas, viu-se obrigado a recorrer à Justiça, não só para recuperar seu emprego, mas também para denunciar um crime de proporções inacreditáveis. Boa noite, doutor Zuckermann.

— Boa noite, Ingedore.

— Doutor Zuckermann, eu duvido que haja algum espectador que não conheça o caso judicial em que o senhor está envolvido. De todo jeito, poderia resumir para nós a sua história?

— Pois não, Ingedore. Eu era responsável pela liberação dos certificados de comercialização de novas drogas. Sem este certificado, nenhum novo remédio pode ser vendido em território alemão. A indústria farmacêutica Schlange desenvolveu uma nova e poderosa droga, o Ozoptyx, que podia ajudar a prevenir o câncer de mama. Nossas investigações provaram que o Ozoptyx, após dez anos de uso constante, podia levar as mulheres à cegueira total e à paralisação de uma boa parte de seus músculos.

— Efeitos muito graves, então.

— Gravíssimos, Ingedore. O doutor Friedrich Schlange, presidente da Schlange e responsável pela descoberta da droga, não aceitou a nossa recusa em conceder-lhe um certificado de comercialização. Tentou subornar-me, oferecendo-me dinheiro para eu ocultar os laudos feitos por mim e minha equipe. Como não aceitei ser corrompido, passou a atacar-me de maneira mais direta.

— Como foi esse ataque, doutor Zuckermann?

— O senhor Schlange, como todo homem muito rico, tem grande influência nos nossos meios políticos. Acredito que usou a influência do seu poderio econômico para provocar a minha demissão e a de cinco membros de minha equipe do Ministério da Saúde.

— Mas uma demissão assim, sem nenhuma justificativa, como pode ser?

— Tudo por causa de uma entrevista que dei a um jornalista francês logo depois de ter comunicado a Schlange a impossibilidade de pôr o Ozoptyx no mercado. O Ministro da Saúde me acusou de estar tornando público um assunto estritamente confidencial, alegando que isso era proibido por lei.

— Algo assim como revelar um segredo de Estado? — arrisca Ingedore.

— Mais ou menos.

— E há realmente alguma lei contra isso?

— Certamente que não, Ingedore. Não pode haver nenhuma lei neste país que proíba um funcionário público de alertar a população contra um medicamento perigoso. Muito pelo contrário, é obrigação do governo fazer isso...

— Claro que sim, doutor.

— Mas a minha demissão é o menor dos problemas — continua Zuckermann. — O mais sério é que, no meu lugar, foi nomeado um arrivista, o doutor Goldschmidt, que simplesmente declarou nulos os nossos testes e concedeu o certificado de comercialização ao Ozoptyx.

— Por isso o senhor resolveu recorrer à Justiça?

— Exatamente. É inadmissível que uma droga com efeitos tão cruéis possa ser vendida impunemente, não só na Alemanha como em todo o mundo. A Schlange tem filiais em mais de quarenta países...

— E em que pé está o caso, doutor Zuckermann?

— São dois processos diferentes, Ingedore, apesar de estarem estreitamente relacionados entre si. No primeiro, eu e meus companheiros de trabalho estamos acionando o Ministério da Saúde para recuperarmos nossos cargos. No segundo, estamos processando as indústrias farmacêuticas Schlange, por calúnia e difamação.

— Calúnia e difamação? Por quê?

— Porque Schlange, aproveitando a nossa demissão e acreditando que eu estava vulnerável, deu declarações à imprensa em que nos acusava de incompetência, falta de decoro profissional e ataques à ética médica...

— Qual tem sido a reação da opinião pública a toda essa polêmica?

— Já recebemos milhares de telegramas de solidariedade de cidadãos comuns e de entidades científicas nacionais e internacionais. A maioria dos membros do Parlamento está a nosso favor... Afinal, as nossas provas são irrefutáveis. Tenho comigo todos os resultados dos testes que fizemos com o Ozoptyx, inclusive em cobaias de laboratório. Acho que até o final do próximo mês o caso estará encerrado, com a vitória da decência e a derrota da corrupção.

— Não deve ser fácil enfrentar de uma só vez um gigantesco império econômico e um ministério poderoso como o da Saúde — comenta a apresentadora. — Muito obrigado, doutor Zuckermann, pela sua participação no nosso programa.

— Eu é que agradeço, Ingedore.

— Na próxima sexta-feira, entrevistaremos o Ministro da Saúde, Uwe Hohlkopf, para ouvirmos sua opinião sobre o polêmico caso Zuckermann contra Schlange, a guerra do Ozoptyx.

O julgamento aconteceu. Arrastou-se por longos meses, mas finalmente Karl Zuckermann saiu vencedor. Ele e seus colegas conseguiram de volta seus empregos, e a Schlange foi obrigada a pagar-lhes uma indenização de milhares de dólares por danos morais.

Na saída do tribunal, no dia da grande vitória, Zuckermann, rodeado de jornalistas e de pessoas que queriam cumprimentá-lo, viu Friedrich Schlange dirigir-se rapidamente a seu carro. Antes de entrar, fixou os olhos nos de Zuckermann, que sentiu naquele olhar um ódio sem medida, uma ameaça explícita de vingança. A partir daí, começou a temer por sua sorte.

E tinha razão.

Depois de receber o dinheiro da indenização, depositado numa conta numerada na Suíça, por motivos de segurança, Karl Zuckermann, para se afastar de toda a publicidade que o cercava, decidiu viajar por algum tempo. Agora, com o Ozoptyx definitivamente banido das prateleiras das farmácias, ele estava mais tranquilo e já pensava em realizar alguns dos seus velhos sonhos de pesquisador.

Mas um acontecimento trágico veio modificar toda a sua vida futura. E o que seria uma simples viagem de férias transformou-se em apressada fuga pela vida...

28. Impostores em Ocaporã

Nino e Afonso estão agora, pouco depois da chegada do advogado, dentro do carro que se dirige ao Sítio Estrela Dalva. Vão visitar Otto e conversar com ele. Afonso quer esclarecer algumas dúvidas com o velho amigo alemão.

Durante o trajeto, Afonso vai explicando a Nino:

— O doutor Carlos Henrique Lobato e o diplomata Eduardo Pereira Lima realmente existem. Tenho amigos que trabalham no serviço de pessoal dos dois ministérios e que checaram as informações para mim. Só que o Carlos Lobato pediu licença do trabalho para poder fazer seu doutorado no Canadá. Há três anos que não vem ao Brasil... O verdadeiro Eduardo Lima é funcionário da Embaixada do Brasil na China. Também está fora do país há vários anos...

Nino está surpreso:

— Então quem são esses sujeitos que estão aqui em Ocaporã?

— São impostores que precisamos desmascarar — responde Afonso. — Um se chama Luís Barata e trabalha no Ministério da Saúde. O outro, André Falcão, é funcionário do Itamaraty. O Barata trabalha no mesmo departamento do verdadeiro doutor Lobato, a quem é subordinado, e o Falcão era auxiliar do diplomata Lima quando ele estava no Brasil. Os dois se aproveitaram da ausência dos chefes para darem o golpe. Certamente foram sondados por testas-de-ferro da Schlange no Brasil, que, sentindo neles colaboradores potenciais, trataram logo de suborná-los.

O novelo na cabeça de Nino fica ainda mais emaranhado. Afonso prossegue:

— O carro importado que estão usando aqui em Ocaporã pertence à Schlange do Brasil, que tem matriz em São Paulo. Pedi a informação a um ex-colega de faculdade que trabalha no departamento de trânsito de São Paulo.

Nino então confirma:

— No quarto deles eu vi uns relatórios da Schlange. E a Mariinha viu uma revista alemã de 1961 com o nome Schlange na capa.

— É por isso que precisamos falar com o Otto. Ele deve saber por que a Schlange tem interesse em atrapalhar a fabricação dos remédios dele aqui em Ocaporã. Eu não consigo entender por que uma das maiores indústrias farmacêuticas do mundo possa se preocupar com um pequeno laboratório alternativo no interior de Minas Gerais...

— E qual é o interesse da família Raposo nisso tudo? — pergunta Nino, que já contou a Afonso as suas aventuras e as de Mariinha. Também falou do conta-gotas e das outras provas fornecidas por Geraldo, mas ainda não disse a Afonso como as obtivera.

— Deve ser um interesse muito grande, a ponto de envolver até o prefeito e o secretário de Saúde — responde Afonso.

— Pela conversa que a Mariinha gravou quando estava debaixo da cama no quarto das *víboras*, tem muito dinheiro correndo nesse caso. Dinheiro para os dois impostores e dinheiro para o pessoal da família Raposo.

— Quem diria, não é, Nino? — comenta Afonso, estacionando o carro. — O velho Gabriel foi o primeiro amigo do Otto quando ele chegou a Ocaporã. Os dois tiveram uma amizade que durou mais de trinta anos. Agora, depois que o seu Gabriel morre, vem esse tratante do filho dele e se deixa comprar por um laboratório alemão...

29. No túnel do tempo (IV)

Alemanha, 13 de outubro de 1961. Quase não se fala mais do polêmico caso judicial que há poucas semanas ainda sacudia a opinião pública européia. O que ainda se lê nos jornais é uma ou outra nota a respeito da demissão do Ministro da Saúde, das medidas tomadas por seu sucessor e das graves conseqüências econômicas que o caso trouxe ao império químico de Friedrich Schlange. Serão necessários muitos anos para a empresa restabelecer sua imagem e se recuperar dos prejuízos sofridos com os inúmeros cancelamentos de encomendas feitos em sinal de protesto contra o comportamento criminoso de seu presidente e de solidariedade à conduta exemplar de Zuckermann.

Embora tenha conseguido recuperar judicialmente seu emprego público, Zuckermann não quer voltar a trabalhar no Ministério da Saúde. Pediu demissão, para surpresa de muita gente. "Era uma questão de princípios", explicava ele. "Eles não podiam simplesmente me expulsar do Ministério da maneira como fizeram. Tive que recuperar a minha liberdade de deixar o emprego quando bem me conviesse."

Com o dinheiro recebido como indenização, Zuckermann quer viajar. Mas só planeja partir no início do próximo ano. Quando o duro inverno alemão estiver nos seus dias mais gélidos, ele pretende estar bem longe de Frankfurt, em algum país tropical onde o sol brilha o ano inteiro.

Hoje, porém, sexta-feira à tarde, Zuckermann está apenas passeando de carro. Mas não é ele quem está guiando, embora seja o

dono do veículo. Ao volante está um primo seu, que gosta de dirigir. Passaram o dia todo viajando sem rumo certo.

A estrada atravessa uma região montanhosa coberta de bosques. Zuckermann vai admirando a paisagem. Em pleno outono, as árvores apresentam uma variedade quase infinita de tons que vão do vermelho ao ocre, passando pelo dourado, pelo cor-de-rosa, pelos matizes mais diversos do castanho.

Lentamente começa a escurecer. O vento é fresco, e poucos pássaros ainda não se recolheram nas copas das árvores para dormir.

A estrada, que vinha reta e plana, agora ganha um pequeno declive e fica pontuada de curvas. O primo ao volante se entusiasma com as dificuldades do caminho e até acelera um pouco.

A estrada vai ficando cada vez mais íngreme e tortuosa. O primo, receando arriscar-se demais, pisa no freio para diminuir a velocidade. Para enorme susto seu, o freio simplesmente não existe mais!

— Karl! — grita ele, em pânico. — Estamos sem freio!

Zuckermann, até então distraído com a paisagem e pensamentos distantes, leva alguns segundos para entender o que o primo lhe gritou. E é nesse brevíssimo lapso de tempo que o carro, em altíssima velocidade, escapa à tentativa desesperada do primo de controlar as curvas.

Derrapa, bate na murada de proteção da estrada e despenca, rolando diversas vezes sobre si mesmo, precipício abaixo. Detém-se ao chocar-se contra um enorme bloco de pedra nua.

Tudo acontece numa rapidez insuportável para os sentidos humanos. Quando o mundo pára de rodar à sua volta e dentro de si, Zuckermann, totalmente atordoado, vê que agarrado ao volante retorcido e sob uma nuvem de cacos de vidro está o primo deitado, inerte, mais que inerte: morto.

Mal recupera os sentidos, porém, uma terrível explosão se faz ouvir e o carro se incendeia. Zuckermann tenta fugir, mas seus músculos estão duros, tesos, rijos. O calor que sobe de todos os lados é tamanho que o faz desmaiar.

Só recuperará os sentidos muito tempo depois.



*Para enorme susto seu,
o freio simplesmente não existe mais!*

30. A melancolia de Otto

No Sítio Estrela Dalva, Afonso e Nino dirigem-se ao quarto onde Otto está instalado. Dona Luzia, ao ver o filho e o amigo, fica muito contente.

— Que bom que vocês vieram! — exclama ela. — O seu Otto anda tão tristonho, chorando pelos cantos, é de cortar o coração. Acho que ele vai se alegrar de ver o doutor Afonso.

Otto não se alegra tanto assim. Está muito abatido. Nino surpreende-se com a depressão do padrinho, e comenta no ouvido do advogado amigo:

— Ontem mesmo ele estava tão animado... Afonso cumprimenta-o com um forte aperto de mão:

— Oi, Otto, como vai? Sei que as coisas não estão muito boas para você, mas eu e o Nino estamos cuidando de tudo, viu?

— É mesmo, padrinho — confirma Nino, tentando encorajar o velhinho —, a gente já andou descobrindo um monte de furos nessa história. Já sabemos, por exemplo, que o prefeito e o doutor Plínio estão envolvidos com os dois homens que estão hospedados na dona Dalva.

— Exatamente — continua Afonso —, e esses dois forasteiros estão usando nomes falsos para poderem agir aqui em Ocaporã.

Otto, até então deitado, senta-se na cama.

— É verdade? — quer saber.

— É, são impostores — responde Nino.

— Quer dizer que *non trabaiam* para o governo brasileiro? — pergunta o velhinho, confuso.

— Trabalham — responde Afonso —, mas não estão aqui a serviço do governo. Na verdade, estão de férias. Parece que foram subornados por uma grande empresa alemã... Otto, o nome Schlange significa alguma coisa para você?

Otto se assusta. Nino pergunta:

— E o nome Zuckermann?

31. A confissão de Otto

Otto respira com dificuldade por algum tempo. Depois, fazendo certo esforço, consegue sentar-se em outra posição na cama, de modo que seus pés toquem o chão. Então começa a falar:

— Nino, eu tenho uma *confisson* muito séria a fazer. Espero que você *non* me julgue mal depois do que vai ouvir. Nem você, Afonso, que tem confiado em mim há tanto tempo.

Nino não entende o tom enigmático daquelas palavras. Afonso pede:

— Continue, Otto, por favor.

— Para começar, eu *non* me chamo Otto Freimann. Meu verdadeiro nome é Karl Zuckermann. Otto Freimann é o nome de um primo meu, muito parecido comigo, da mesma idade que eu, e que morreu na Alemanha em 1961. Morreu num acidente de carro. O carro era meu. Ele estava dirigindo. Eu escapei por milagre... Nós éramos grandes amigos...

Otto pára de falar. Examina o efeito das suas palavras sobre os que o estão ouvindo. Nino e Afonso parecem um tanto confusos. Afonso pergunta:

— Por que foi que você adotou o nome dele? E como é que conseguiu todos os documentos com o nome falso?

— Como disse, quando Otto morreu, eu estava com ele no carro. Eu sobrevivi, mas estava planejando sair da Alemanha naquela época. Por isso, apesar da enorme dor que senti naquele momento, troquei meus documentos pelos de Otto. De maneira que ele foi enterrado com o meu nome e eu assumi a vida dele. Nós dividíamos um apartamento. Morávamos juntos desde os tempos da faculdade. Por isso pude me apoderar de tudo o que precisei para passar efetivamente por Otto Freimann.

— E ninguém desconfiou de nada? — é pergunta de Afonso.

— *Non*. Por causa de queimaduras sofridas no acidente, tive que fazer uma *operação* plástica que me obrigou a andar com grandes curativos no rosto. Além disso, como já *ekspliquei*, eu e meu primo éramos muito parecidos, como se fôssemos *irmons*.

— Quer dizer que o senhor na verdade é Karl Zuckermann? — a vez de Nino.

— Sim, Nino, este é o meu nome. Precisei me esconder porque desconfiava que estavam querendo me matar.

— Padrinho, quem estava querendo matar o senhor?

— *Non* sei, Antonino, até hoje *non* tenho certeza. Mas *non* é difícil imaginar quem podia estar por trás disso... Um policial me disse que, depois que *eksaminaram* o carro, ficou a suspeita de uma sabotagem nos freios. O que sei é que, se queriam me matar, acabaram atingindo uma pessoa inocente, meu primo Otto, que nada tinha a ver com a história.

Karl Zuckermann interrompe um pouco a fala. Suspira fundo. Nino, porém, está ávido por saber mais:

— E daí, padrinho? O que foi que o senhor fez?

Karl responde:

— Fiquei assustado. Decidi trocar de identidade e fugir da Alemanha. Aproveitei a *confuson* causada pela notícia de que Karl Zuckermann tinha morrido. Ainda convalescente e com algumas ataduras, fui de trem até a Suíça, onde fiquei alguns meses numa cidadezinha das montanhas, tentando me recuperar de tudo aquilo. Depois, tomei um *avion* para o Brasil, e o resto vocês já conhecem...

— E por que você precisou fazer tudo isso? Por que teve de fugir da Alemanha? — quer saber Afonso.

Karl senta-se melhor na cama, ajeitando um travesseiro nas costas. E começa a falar, a trazer à luz todos aqueles segredos que trazia escondidos há tanta tempo. Fala do Ozoptyx, de seus efeitos maléficos, dos desejos megalomaniacos de Friedrich Schlange, de sua trama para vender o produto e só pagar indenizações mais tarde. Sua voz é calma, mas não disfarça uma grande emoção.

— Não consigo acreditar! — desabafa Nino, de repente.

— Mas pode acreditar, Nino — diz Afonso —, é assim que muitas grandes multinacionais agem todos os dias pelo mundo inteiro. Primeiro se enchem de dinheiro com alguma coisa que jogam no mercado para milhões de pessoas, e só depois começam a reparar os danos provocados. Os casos são muitos e já têm sido denunciados em vários livros e processos internacionais.

Karl vai confirmando com a cabeça. Nino está curioso:

— E aí, padrinho? O que foi que aconteceu?

— Schlange tentou me subornar para que eu adulterasse os resultados dos testes. Me ofereceu muito dinheiro.

— Que o senhor recusou, naturalmente — antecipa Nino.

— Naturalmente — repete Karl. — Por causa da minha recusa, Schlange usou sua influência e conseguiu que o Ministério da Saúde me demitisse. Colocou no meu lugar alguém da confiança dele e pôs o remédio à venda.

— Que crápula! — exclama Afonso.

— Eu achava que essas coisas só aconteciam aqui no Brasil e em outros países subdesenvolvidos — surpreende-se Nino.

— Pois é hora de você tirar essa idéia da cabeça, Nino — adverte Afonso. — Eu vou lhe emprestar um livro sobre os escândalos no governo do Japão para você ver o que é corrupção de verdade...

Otto fala do processo, do julgamento, do escândalo nacional e internacional provocado por toda aquela história. Nino se lembra então da revista que Mariinha diz ter visto no quarto das *víboras*.

— Eu ganhei a causa nos tribunais. A empresa foi obrigada a suspender a *comercializaçõ* do remédio e a me pagar uma *indenizaçõ* bem alta por tudo o que tinha feito contra mim. No fim do julgamento, quando eu saía do tribunal, Friedrich Schlange passou por mim, entrou num carro e de dentro dele gritou: "*Non* pense que eu vou desistir *ton* fácil, Zuckermann. Você pode ter vencido essa *bataia*, mas para mim a guerra ainda *non* acabou".

— Ele pensava em vingança, certamente... — conclui Afonso.

— Com o dinheiro que eu recebi, pensava em me mudar para o Brasil, para poder estudar a flora medicinal daqui. Eu já tinha essa idéia há muito tempo. Ainda *trabaiava* no Ministério *qvando* comecei a sentir uma grave dor de consciência. Nós, do chamado primeiro mundo, *ekstraímos* das matas tropicais as matérias-primas dos nossos laboratórios. Depois, com elas, fabricamos remédios que *son* vendidos a preços muito altos para as *populaçons* daqueles mesmos países pobres de onde vêm as essências principais.

— É assim até hoje — diz Afonso.

— Isso mesmo — confirma Karl. — Estudando a fundo, descobri que muitas daquelas plantas eram usadas de maneira *qvase* natural pelos próprios moradores das matas, de modo que *non* precisariam comprar remédios que, além de caros, *son* fabricados com uso de produtos químicos muito fortes, com efeitos colaterais sérios e perigosos. Eu me revoltava com aquela *situaçõ* de injustiça e tinha planos de em pouco tempo abandonar a Alemanha e vir para o Brasil, na tentativa de aprender com as pessoas daqui a reconhecer as riquezas medicinais da natureza. Com este conhecimento

tradicional e com a minha *eksperiência* científica, achei que poderíamos nos livrar dos interesses das grandes potências farmacêuticas...

Nino, ainda um pouco aturdido com a história toda, compreende a boa intenção do padrinho e comove-se com seu gesto.

— Isso foi pouco antes do episódio do Ozoptyx. Depois do julgamento, achei que era a hora de pôr meu projeto em marcha. Recebi o dinheiro da causa. Foi aí que aconteceu o tal acidente de carro.

Afonso está pensativo. Diz:

— Pelo que o Nino me disse, na conversa que a Mariinha gravou, os caras mencionam o nome Zuckermann. Isso quer dizer que de alguma maneira Schlange descobriu que você não está morto de verdade.

— Descobriu. Por isso está tentando me arruinar. É a vingança de Schlange. Ele prometeu e está cumprindo a ameaça... Só que agora, em vez de me matar de uma vez, quer que eu sofra com as *conseqvências* do envenenamento dos meus remédios naturais. Quer impedir o meu *trabaio* aqui e me mandar de volta para a Alemanha, onde poderei ser acusado de usar nome falso.

Nino tem uma dúvida:

— Padrinho... e a família do verdadeiro Otto? O Zuckermann estava "morto", tudo bem... Mas e o Otto Freimann?

— Otto Freimann e eu *non* tínhamos *irmons*. Meus pais e os dele já tinham morrido *qvando* tudo aconteceu. O resto da família... bom, na Alemanha as pessoas *non son* ligadas nos parentes, como aqui no Brasil...

Nino, já pensando em outra coisa, exclama, indignado:

— Como é que pode? Uma empresa que fabrica remédios, que deviam ser coisas boas, que servem para curar as doenças das pessoas...

Instala-se um longo silêncio. Nino tenta organizar as coisas na cabeça. Afonso, então, resume tudo:

— Vamos ver. Schlange descobriu de alguma maneira que Karl Zuckermann não morreu. Conseguiu a colaboração de dois funcionários do governo brasileiro para destruir o laboratório de Ocaporã. Estes dois, por sua vez, compraram a família Raposo e o prefeito Borges, que ajudaram a sabotar os remédios. Duílio Raposo, como recompensa, provavelmente vai receber de graça toneladas de

remédios da Schlange para vender na farmácia dele, além de algum dinheiro por fora.

Aquele resumo deixa Nino assustado. Afonso percebe e trata logo de acalmá-lo:

— Mas vocês podem ficar tranquilos. Porque o plano deles não vai dar certo — diz o advogado, confiante. — O nosso plano é que vai. Talvez sejamos fracos para combater o poder de Schlange, mas poderemos pelo menos desmascarar os dois pilantras e junto com eles a família Raposo e esse prefeito corrupto.

E juntos os três elaboram sua estratégia.

32. A rendição de Otto

No domingo cedo pela manhã, Nino, que dormiu no Sítio Estrela Dalva na noite anterior, telefona para a casa do prefeito:

— Alô, doutor Crisófilo? Aqui é Antonino, afilhado do doutor Otto Freimann. Meu padrinho pediu que eu lhe comunicasse a decisão dele de fechar o laboratório e se aposentar...

— Sábia decisão — responde a voz do outro lado, entusiasmada.

— Mandou-me perguntar se o senhor e o doutor Plínio podem vir ao nosso laboratório agora de manhã para que tudo seja feito o mais depressa possível.

— Claro que sim, rapaz, claro que sim. Diga a seu padrinho que às dez horas em ponto estaremos lá.

— Muito obrigado.

Nino desliga o telefone. Disca outro número:

— Afonso, tudo combinado... Às dez horas em ponto... Quem? Bastos e Pontes?... Está bem... Até lá...

Desta vez é para Mariinha que ele telefona:

— Mariinha, é o Nino. O Afonso quer que eu fale com os dois homens que se hospedaram aí ontem, Bastos e Pontes. Você me liga com eles?

— Pois não, senhor Antonino Mandachuva — responde Mariinha, irônica, mas no fundo um pouco enciumada por Nino ter desaparecido depois que Afonso chegou.

Nino espera que a ligação se complete:

— Alô, seu Bastos? O Afonso me pediu para avisar que às nove e meia ele passa aí para pegar o senhor e o seu Pontes. Está certo? Por nada. Até mais tarde.

33. Gran finale

Falta pouco para as dez da manhã. No laboratório do Sítio Liberdade, o velho Otto Freimann, aliás, Karl Zuckermann, e seu afilhado Nino esperam a chegada de seus convidados.

Não tardam a chegar o prefeito Borges, o secretário Plínio, acompanhados de dois outros homens, que Nino sabe muito bem quem são.

O prefeito vai logo apresentando:

— Estes senhores são de Brasília. Foram mandados para cá pelo Ministério da Saúde e pelo Itamaraty para acompanharem o caso.

— Meu nome é Carlos Lobato — diz um deles, tentando ser simpático. — E este aqui é meu colega, o doutor Eduardo Lima.

Feitas as apresentações, o velho e o afilhado começam a desmontar alguns dos aparelhos que usam no laboratório. Vão fazendo tudo bem devagar, para dar tempo a Afonso de aparecer.

É então que a porta se abre e Afonso entra, acompanhado da senhora de idade e do rapaz de vinte anos que Nino viu chegar com ele.

— Bom dia, senhores. Como vão? — diz o advogado, sorrindo. Lobato, Lima, Borges e Plínio, surpresos com aquela aparição absolutamente inoportuna, ficam irritados. Lima diz:

— Quem é o senhor?

— Sou um amigo da família. Meu nome é Afonso Monteiro, advogado, muito prazer. E posso saber a graça de Vossas Senhorias? — o tom é muito sarcástico.

— Meu nome é Carlos Lobato, funcionário do Ministério da Saúde. Este é o embaixador Eduardo Lima, do Ministério das Relações Exteriores. Estamos numa missão confidencial. Por favor, queira retirar-se!

Afonso sorri.

— Que coincidência mais agradável! Pois esta senhora que aqui está é justamente dona Albertina Lobato, mãe do doutor Lobato...

Acho estranho o senhor não ter reconhecido sua própria mãe... Assim como acho ainda mais bizarro o doutor Lima não reconhecer seu filho mais velho, Eduardo Júnior, que está no Brasil de férias...

Lobato e Lima ficam pálidos. Acabam de ser desmascarados. O prefeito, porém, não se dá por vencido:

— É melhor vocês todos se retirem. Se insistirem em ficar, serei obrigado a chamar a polícia...

Afonso ri gostosamente:

— Não será necessário, meu caro prefeito. Eu mesmo já fiz isso.

E chamando em voz alta:

— Delegado Bastos! Detetive Pontes! Os senhores podem vir...

Entram então dois homens altos e fortes. Ambos trazem um distintivo dourado no paletó. Afonso diz:

— Apresento-lhes meus amigos da Polícia Federal, o delegado Bastos e o investigador Pontes...

Bastos então se adianta até onde estão os falsos Lobato e Lima e lhes diz:

— Os senhores estão presos por falsidade ideológica e tentativa de assassinato. Temos provas concretas e testemunhos incontestáveis. Queiram por favor nos acompanhar. Seguiremos imediatamente para Brasília.

34. Festa em Ocaporã

Na hora do almoço estão todos na casa dos pais de Afonso. Nino convidou Mariinha e dona Dalva para a comemoração. Chamou também Geraldo, que preferiu não vir, por causa da vergonha que sente do que seus parentes andaram fazendo.

— Nada disso, padrinho — diz Nino —, nós vamos promover uma enorme campanha pública esclarecendo tudo. Vamos chamar a televisão, o rádio, os jornais.

— Ai, Nino, que exagero! — diz Mariinha. — Para que montar todo esse carnaval? Você bem sabe que o seu Otto não gosta de publicidade.

Seu Otto? Pois é, Nino e Afonso acharam melhor deixar a verdadeira identidade do velhinho escondida, pelo menos por enquanto.

— Exagero nada, é o que vamos fazer — insiste Nino. — E temos que começar aqui mesmo em Ocaporã. Vamos pegar aquele ridículo do Silvio Gallo, que fez campanha para a eleição do prefeito, e exigir que ele faça um programa de duas horas inteiras só sobre o caso. Quero ver ele pedindo desculpas em público e em frequência modulada...

35. Viagem à Alemanha

Depois do almoço, Afonso reúne-se com Nino e o padrinho. Quer ter uma conversa particular com eles. E começa dizendo:

— Conseguimos vencer, mas não tenho certeza se Schlange vai desistir. É bem capaz de voltar a atacar mais tarde.

O velho cientista sorri:

— Até lá, já estarei morto...

Nino não gosta da piada:

— Não fale assim, padrinho, não tem graça.

Afonso retoma:

— De qualquer maneira, temos um probleminha a resolver. O nosso amigo aqui não pode continuar usando nome falso. É ilegal, mesmo que seja um problema da justiça alemã e não da brasileira. E principalmente, é perigoso porque pode ser usado pela Schlange para fazer algum novo tipo de ameaça ou chantagem.

Karl Zuckermann concorda:

— Eu já tinha pensado nisso. Por isso, estou disposto a pôr tudo em pratos limpos. Tenho comigo ainda a minha *certidon* de nascimento verdadeira. Com ela vou poder mandar fazer novos documentos lá na Alemanha.

Nino se surpreende:

— Então o senhor vai à Alemanha? Não tem medo do Schlange tentar fazer alguma coisa contra o senhor?

Karl sorri:



O clima é de intensa alegria na casa de Afonso.

— *Non, non* tenho medo. Já escapei de dois ataques dele, posso escapar de outros. Só que estou muito *veio* para viajar sozinho. E você precisa praticar seu *alemon, nicht wahr?* Quer ir?

Nino abraça o padrinho:

— Só se for agora!

36. Despedida

Mariinha fica contente ao saber que Nino vai viajar pela primeira vez à terra do padrinho. Mas também se entristece por ter de se separar por algum tempo do seu namorado, de quem tanto gosta.

— Besteira, sua bobinha, eu te mando um cartão-postal por dia, prometo.

— Quero muitos presentes, viu? Quero bombons, roupas, discos, livros, tudo o que você puder trazer!

— Cruzes! Que pidona! — brinca Nino. — Nunca imaginei que você fosse tão interesseira!

— Claro que sou! — replica Mariinha sorrindo. — Você não vai ter frio lá, hem, Nino? Estamos no inverno!

— Inverno aqui, sua boboca, lá é pleno verão. Faz tanto calor quanto no Brasil, e às vezes até mais...

Mariinha e Nino se abraçam. Ela diz:

— Ainda bem que estamos livres daquelas *víboras*...

Nino começa a rir. Mariinha não entende.

— Por que esse ataque de riso agora? Eu disse alguma bobagem?

Nino se controla.

— Não, não disse não. É que, de repente, eu me lembrei de uma coisa engraçada...

— E eu posso saber o que é?

— Claro. Sabe por que foi que o Schlange mandou duas víboras para Ocaporã?

— Não, por quê?

— Porque o nome Schlange em alemão quer dizer justamente *cobra*... Não é engraçado?

Mariinha sorri.

— Nem tanto. Muito mais graça eu vou achar se o senhor me der um beijo bem venenoso agora...

E Nino, sem esperar segunda ordem, faz o que Mariinha lhe pede.

FIM